



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Maria Rita Araujo da Silva Mendes

**O Intérprete de Libras: Trajetória e Profissionalização em São
Luís do Maranhão**

São Luís / MA

2018

Maria Rita Araujo da Silva Mendes

**O Intérprete de Libras: Trajetória e Profissionalização em São
Luís do Maranhão**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professor Orientador: Ms. José Ednilson Gomes de Souza Júnior

São Luís / MA

2018

Dedico este trabalho ao meu primeiro amor Antonio José Mendes, às minhas princesinhas Raíssa Marrie e Rafisa Marrie, à minha amada e guerreira mãe Francisca das Chagas, ao meu querido pai Nemésio Correia (IN MEMORIAN), aos meus preciosos sogros João Mendes e Edner Mendes, à minha família e amigos que sempre me deram apoio.

*“Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do
Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.”*

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todas as bênçãos recebidas. A Ele toda honra e toda glória!

Ao meu amado esposo Antonio José Mendes, que por já ter atuado como TILS, me trouxe à memória vários acontecimentos do início da nossa profissão, pelo apoio sem limites em todos os momentos da minha formação.

A todos que participaram desta pesquisa, contando suas lembranças e experiências na área da interpretação e tradução da Libras, primeiramente à Valéria Cardoso Ewerton, que com seu empenho e coragem iniciou sua missão de levar a mensagem da salvação do Senhor Jesus Cristo aos surdos e compartilhou seus conhecimentos com outras pessoas, a fim de difundir o uso desta língua tão linda e mágica, e que de forma indireta chegou a mim.

À Irene Santos Cabral que deu início a interpretação em sala de aula, abrindo um precedente para os atuais intérpretes de Libras conquistarem uma profissão reconhecida no Maranhão.

À Roselane Laíza, Kélcia Alexandra, Lígia Gabriela, Andrea Pestana, Lícia Maria, Josane Monroe que prontamente me contaram das suas lembranças e experiências.

Ao Centro de Atendimento ao Surdo que me recebeu para muitas das entrevistas realizadas para a construção deste trabalho, bem como à Igreja Batista Getsêmani, Primeira Igreja Batista em São Luís e Paróquia São José São Pantaleão que através de seus membros tive acesso a um pouco de suas histórias.

Ao meu orientador José Ednilson Gomes de Souza Júnior que me permitiu visualizar de forma mais clara as etapas desta pesquisa, que esteve disponível sempre que precisei, sanando as dúvidas, avaliando a produção, até mesmo em fuso horário alterado.

Às minhas queridas tutoras Andréa Rejane (Oficial) e Léa Cristina (Emprestada da Licenciatura) por todos os comentários que fizeram, por suas preocupações com a organização deste trabalho, pelas histórias contadas e por sua disponibilidade durante todo o curso do Letras Libras, foram certamente cruciais para a conclusão desta pesquisa.

À professora Maria Nilza Quixaba, que como coordenadora do pólo São Luís, lutou muito por este curso, agradeço também pelos conhecimentos e experiências compartilhados, além dos materiais cedidos para a construção desta pesquisa.

À Cláudia Vale pela disponibilidade de materiais impressos em todos os momentos que precisei, incluindo os fins das noites de domingo, sem ônus nem bônus e por dicas valiosas de construção do TCC.

Aos meus amigos de turma Bacharelado e também Licenciatura, que muito contribuíram na aquisição de novos conhecimentos, e quando tive uma dúvida sobre os registros desta pesquisa, recorri a eles que estavam sempre disponíveis, nos últimos dias contei também com a força deles para concluir. Dentre estes amigos, destaco o melhor e mais divertido grupo, meu querido “Efeito Suco de Laranja”, a saber, Amires Câmara (Irmãs de pais e mães diferentes), Márcio Roberto Mendes (Irmãos na Libras), Michelle Lima (Amigas em todas as horas) e Valéria Sousa (Amigas até na divisão de make), que me ajudaram muito com suas experiências, histórias e lembranças, vivências na trajetória dos TILS, além do incentivo para deixar a família nas manhãs de sábado e assistir aulas. Vocês já fazem parte da minha vida e da minha história. Um bolo de pote para vocês!

Aos meus dedicados e bravos amigos Andrea Pestana, Bruno Gerris, Daniela Luna, Janaina Teles, Jaquelma Teles, Lorena Batista, Luzivane Cabral e Valéria Moraes por todo apoio, cuidado, ensinamentos e momentos de descontração. Vocês foram essenciais para esta conquista.

RESUMO

Como, quando e porque surgiu a figura do intérprete de Libras e o que foi feito para que este profissional pudesse ter mais espaço diante da sociedade? O presente estudo tem por objetivo registrar a trajetória histórica dos Intérpretes de Libras em São Luís do Maranhão desde o início, em meados da década de 80 até o presente momento. Pouco se tem registrado sobre o início da profissão na capital maranhense e, para responder aos questionamentos, foram realizadas entrevistas com aqueles que foram pioneiros no serviço de interpretação tanto no âmbito religioso quanto no educacional. A abordagem desta pesquisa é qualitativa, uma vez que se prende aos acontecimentos e não aos números, sendo uma pesquisa exploratória quanto aos seus objetivos, uma vez que visa o registro da atuação inicial e o desenvolvimento da profissão de intérprete de Libras em São Luís, a fim de tornar este tema mais claro para a comunidade em geral. Com a análise de dados obtidos, foi constatado que houve um grande empenho para que a profissão chegasse ao nível de reconhecimento atual, garantindo aspectos legais, concursos nas esferas federal, estadual e municipal.

Palavras-chave: história; profissionalização; intérprete de libras; língua de sinais.

ABSTRACT

How, when and why did the figure of the interpreter of Libras arise and what was done so that this professional could have more space before the society? The present study aims to record the historical trajectory of the Interpreters of Pounds in São Luís do Maranhão from the beginning, in the middle of the 80's until the present moment. Little has been recorded about the beginning of the profession in the Maranhão capital and, to answer the questions, interviews were conducted with those who were pioneers in the interpretation service both in the religious as in the educational. The approach of this research is qualitative, since it is related to the events and not to the numbers, being an exploratory research as to its objectives, since it aims at recording the initial performance and the development of the profession of interpreter of Libras in São Luís, in order to make this theme clearer for the community at large. With the analysis of data obtained, it was verified that there was a great commitment for the profession to reach the current level of recognition, guaranteeing legal aspects, contests at federal, state and municipal levels.

Keywords: history; professionalization; libras interpreter; sign language.

RESUMO EM LIBRAS

Disponível no link: <<https://youtu.be/E7rdoHuS6FA>>

LISTA DE SIGLAS

APILMA - Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Maranhão

CAS - Centro de Ensino e Apoio à pessoa com Surdez Professora Maria da Glória Costa Arcangeli

CEGEL - Complexo Educacional Governador Edson Lobão

CEJOL - Centro de Ensino Jornalista João Francisco Lisboa

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

EAD - Educação à Distância

EBD - Escola Bíblica Dominical

ENAPILMA - Encontro da Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Maranhão

FEBRAPILS - Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Línguas de Sinais

FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IFMA - Instituto Federal do Maranhão

ILS - Intérprete de Língua de Sinais

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

LS - Língua de Sinais

MA - Maranhão

PIB - Primeira Igreja Batista em São Luís

PROLIBRAS - Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa

RN - Rio Grande do Norte

SEDUC - Secretaria de Estado da Educação

SOM - Surdos Ouvindo a Mensagem

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TILS - Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

TILSP - Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Português

UEMA - Universidade Estadual do Maranhão

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Linha do Tempo da atividade de interpretação de Libras em São Luís...	17
Imagem 1	- Valéria interpretando na EBD na Igreja Getsêmani, para Antonio Carlos.....	27
Imagem 2	- Valéria interpretando na Igreja Getsêmani, em uma das primeiras vezes que foi interpretar na frente da igreja.....	28
Imagem 3	- Certificado de Irene referente ao Curso de Mímica.....	32
Imagem 4	- Irene interpretando na Igreja Batista em Vila Palmeira.....	33
Imagem 5	- Primeiros alunos surdos acompanhados por intérprete no ensino fundamental.....	36
Imagem 6	- Valéria interpretando em um retiro organizado pela Igreja Getsêmani...	38
Imagem 7	- Valéria (sentada) ministrando curso de mímica, momento em que pede para aluna fazer os sinais.....	39
Imagem 8	- José Ednilson ministrou a palestra: A atividade do ILS e suas perspectivas legais e o mini-curso: Signwriting: uma forma de ler e escrever em Língua de Sinais no V Seminário CAS em 2007.....	42
Imagem 9	- Ricardo Sander no IV Encontro do Tradutor Intérprete realizado pelo CAS em 2009.....	42
Imagem 10	- José Edinilson no III ENAPILMA	45
Imagem 11	- Maria Rita interpretando um Show de Chorinho.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
1.1 O espaço na sociedade.....	18
1.2 A necessidade de formação.....	19
1.3 As lutas e a segurança legal.....	21
1.4 Representações junto às associações.....	22
2 A PESQUISA E SUA METODOLOGIA.....	23
2.1 Quanto à abordagem.....	23
2.2 Quanto ao objetivo.....	23
2.3 Quanto aos participantes.....	24
2.4 Quanto às perguntas.....	24
3 ANÁLISE DOS DADOS.....	26
3.1 Do ponto de vista de Valéria.....	26
3.2 Do ponto de vista de Irene.....	32
3.3 A trajetória do TILS nas igrejas.....	37
3.3.1 Um pouco da trajetória do TILS na Igreja Getsêmani.....	37
3.3.2 Um pouco da trajetória do TILS na Primeira Igreja Batista em São Luís - PIB.....	38
3.3.3 Um pouco da trajetória do TILS na Igreja São Pantaleão.....	40
3.4 Formação de TILS no Centro de Ensino e Apoio à Pessoa com Surdez CAS.....	41
3.5 Associação de Intérpretes do Maranhão.....	43
3.6 Primeiro Prolibras no Maranhão.....	46
3.7 Primeiros Concursos para TILS no Maranhão.....	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	57

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que muitos pensam, a profissão de intérprete não é tão atual, apesar de estar bem mais conhecida hoje. Não se pode precisar seu início, tampouco seus precursores. Pagura (2003) afirma que “a mais antiga referência a um intérprete data do terceiro milênio antes de Cristo, num hieróglifo egípcio”.

No Brasil, já nos primórdios, os portugueses, ao encontrarem os índios, se comunicaram através de gestos. Entretanto, logo perceberam a necessidade de alguém para intermediar a comunicação, e, assim, alguns portugueses passaram a viver nas aldeias juntamente com os índios, com o intuito de adquirirem os costumes e principalmente a língua dos nativos. Em sua carta, Pero Vaz de Caminha aborda as dificuldades de se fazerem entender no início e que a figura do intérprete era imprescindível para manter a comunicação, então, Caminha (1500) afirma “[...] se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos [...]” também “se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem [...]”. (CAMINHA, 1500)

Diferente da profissão de intérprete de línguas orais, a atividade de intérprete da língua de sinais é bem mais recente. Aqui no Brasil, começou na década de 1980 nas igrejas, com parentes, vizinhos e amigos de surdos assumindo a responsabilidade de passar ao surdo as informações oriundas do mundo oralizado. (COUTINHO et al 2000; QUADROS 2004).

E no Maranhão, como se deu o início da atividade de intérprete de língua de sinais? O Estado não destoa da realidade vivenciada em todo o país, teve sua origem também no âmbito religioso de forma voluntária, com a vinda, em 1985, de Lois Broughton que trabalhava na evangelização de surdos em Teresina no Piauí, como missionária da Missão Batista Regular dos Estados Unidos¹. Ela veio em férias para São Luís, pois seus pais moravam na capital maranhense e, aqui, ministrou um Curso de Mímic² para 16 jovens de várias Igrejas Batistas, visando sensibilizar a comunidade batista quanto a necessidade de evangelização de surdos no Maranhão.

¹ Informações retiradas da entrevista com Valéria Cardoso Ewerton.

² Na época, a língua de sinais era chamada de mímica.

Dentre os cursistas, Valéria Cardoso Ewerton teve um destaque especial, dando início a um ministério com surdos, o qual foi denominado Surdos Ouvindo a Mensagem – S.O.M, em 1987, na Igreja Batista Getsêmani, localizada no bairro do III Conjunto da Cohab-Anil. Sousa (2010) nos informa que "Valéria foi multiplicadora do ensino de Broughton, desenvolvendo trabalhos de ensino de Libras, de evangelização de surdos, e de interpretação, tanto nas igrejas como em encontros que requisitavam profissionais com essa habilidade" (SOUSA, 2010.)

Este trabalho tem por objetivo investigar como se deu a trajetória profissional do intérprete de Libras em São Luís do Maranhão, coletar informações sobre os momentos iniciais da profissão, registrando o seu histórico, bem como identificar as dificuldades enfrentadas por estes profissionais no início de suas atividades laborais e relatar as suas conquistas.

A escolha do tema veio à tona devido à vivência da autora como Intérprete Educacional de Língua Brasileira de Sinais desde 2002, teve seu primeiro contato com a língua de sinais através de um curso de "linguagem de sinais"³ oferecido no ano de 2000 na igreja da qual era membro. Não tinha nenhum objetivo específico quando decidiu fazer tal curso nas tardes de domingo, era tudo muito novo, apenas queria ser útil de alguma forma na sua comunidade religiosa, e, assim, contrariava os familiares que diziam que este curso não teria nenhuma serventia na vida profissional, pois não conhecia nenhum "surdo-mudo"⁴. Eles acreditavam que era a maior e total perda de tempo, que ao invés de ir para a igreja aprender gestos, seria melhor continuar estudando para o vestibular. O curso chegou ao fim, e deu-se início à implantação do Ministério SOM (Surdos Ouvindo a Mensagem) do qual fez parte por alguns meses até mudar de congregação.

A autora foi testemunha ocular de alguns dos fatos que compõem a trajetória dos TILS no estado do Maranhão e, sabendo da relevância destes profissionais para a educação dos Surdos, sentiu a necessidade de resgatar e registrar a história do início da profissão, para que estas memórias não se percam e, a partir do presente estudo, a sociedade possa ter mais informações a respeito da profissão, e que os novos intérpretes de língua de sinais conheçam e

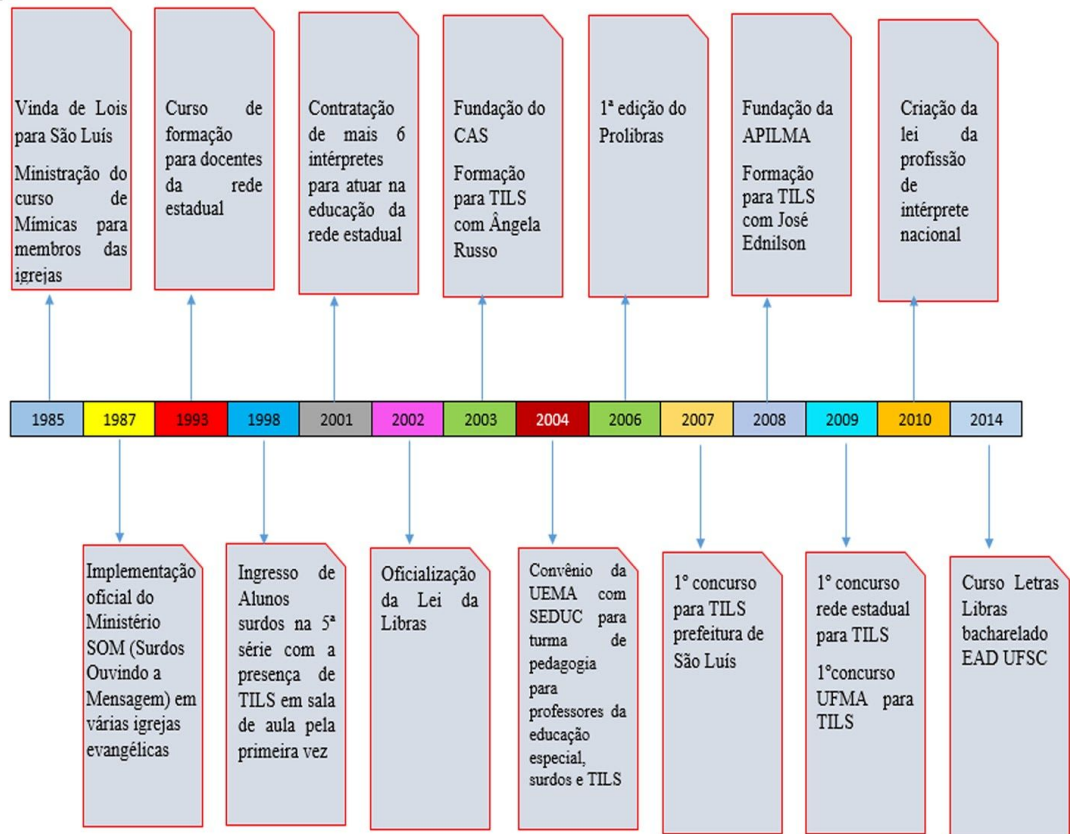
³ Foi assim denominado o curso, dando início ao Ministério SOM na Igreja Batista do Cinquentenário em Paço do lumiar, município Pertencente à região metropolitana de São Luís.

⁴ Os surdos eram chamados assim pela sociedade em geral, atualmente, leigos continuam a usar este mesmo termo.

valorizem todas as conquistas que atualmente usufruem, além de lhes oferecer subsídio para reflexão, novas pesquisas e esclarecimentos de dúvidas.

Assim, a pesquisa foi organizada em quatro capítulos, onde o primeiro trata sobre o referencial teórico, citando autores que abordam o início da profissão no Brasil e no Maranhão, voltando suas atenções para o espaço conquistado na sociedade, as lutas, a segurança legal e as representações através de associações. O segundo capítulo mostra a pesquisa e sua metodologia, explica como se deu o estudo de acordo com sua abordagem e seu objetivo. O terceiro capítulo é referente à análise de dados e contribuições dos entrevistados para a composição deste trabalho. E, finalmente o quarto capítulo traz as considerações finais, um apanhado das impressões da autora sobre o avanço da profissão.

Figura 1. Linha do Tempo da atividade de interpretação de Libras em São Luís



Fonte: Autora (2018)

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Há muitos estudos consolidados na área de tradução e interpretação, sobretudo com foco nas línguas de sinais. Muitos abordam o histórico da profissão do intérprete de Libras, que como já foi dito, teve início na década de 80 nas igrejas, surgiu a partir da necessidade de comunicação entre surdos e ouvintes, e, a princípio, quem realizava esta tarefa de forma voluntária, informal e sem nenhuma formação eram os familiares dos surdos (principalmente os filhos), amigos e também vizinhos que aprendiam devido ao contato com pessoas surdas (COUTINHO ET AL 2000; QUADROS 2004; LACERDA 2010; SOUSA 2010; SILVA 2016). Silva (2016) afirma em sua dissertação que o ILS:

“Destacou-se socialmente apenas na década de 1980, em contextos assistencialistas, caritativos e informais, assim, geralmente os intérpretes eram familiares e amigos de surdos que interpretavam em ambientes religiosos e domésticos de forma voluntária, sem reconhecimento profissional.” (SILVA, 2016, p.12)

Desta forma, os intérpretes atuavam voluntariamente e nem se cogitava a ideia de receber algum valor monetário por seus feitos, muito menos que futuramente se tornaria uma profissão.

A história faz parte da vida do ser humano e deve ser registrada para uso na posteridade. Através do registro, é possível conhecer os costumes de determinado grupo social, relembrando o passado e construindo um futuro, neste sentido, Merlo e Konrad (2015) afirmam que:

“A História é tudo que nos rodeia sobre os acontecimentos passados. Assim como o presente e o futuro também serão história. Toda história, seja transmitida pela escrita, ou mesmo pela oralidade, ao ser interpretada, permite ao sujeito algum tipo de subjetividade em sua interpretação”. (MERLO E KONRAD, 2015, p. 33)

1.1. O espaço do TILS na sociedade

No decorrer da história, vários nomes foram utilizados para referir-se aos Intérpretes de Libras. Ao iniciar a atividade de interpretação, essas pessoas eram chamadas de “Intérpretes de Linguagem de Sinais”, posteriormente, utilizou-se “Intérpretes de Língua de Sinais - ILS”. Com a oficialização da Libras como Língua da Comunidade Surda,

desenvolveu-se para “Intérprete de Libras”, logo após, “Tradutor Intérprete de Língua de Sinais - TILS” e atualmente, “Tradutor Intérprete da Língua de Sinais e Português - TILSP”. A nomenclatura foi acompanhando o avanço desta atividade, que aos poucos foi se desenvolvendo até chegar a uma profissão legalmente reconhecida.

No período do método oralista nas escolas, devido a imposição da fala ao surdo, a figura do intérprete não tinha nenhuma importância, tendo em vista que este método considerava a surdez como patologia e não levava em consideração a língua de sinais. Apesar desse pensamento, a comunidade surda conseguiu preservar a sua língua e sua cultura. Dias (2018) afirma em sua tese que a surdez era apenas na concepção médica, que as LS não tinham status e que, por isso, o intérprete não tinha uma função.

Quando o oralismo sai de cena, abre-se espaço para a proposta da comunicação total, que segundo Souza (2017) “serviu como uma espécie de ponte que deu ao tradutor e intérprete visibilidade”. A possibilidade de uma educação inclusiva gera ao ILS espaço diante da sociedade, uma vez que a necessidade de comunicação do surdo sobressaltava os muros das igrejas e das reuniões familiares e já não era imposto o oralismo. Ao surdo era permitido utilizar qualquer forma de comunicação, dentre elas, a sua língua natural.

A partir deste momento, já na década de 80, os surdos começaram a galgar conquistas que até então eram improváveis, deram início à luta por direitos. Consequentemente, o intérprete se fez indispensável nas mediações comunicativas. Quadros (2004 p. 13) aponta que a “história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividades laborais na medida em que os surdos foram conquistando seu exercício de cidadania”.

1.2. A necessidade de formação e outros espaços de atuação do TILS

A partir do momento em que o ILS ganhou espaço, houve também a necessidade de buscar formações, afinal, muitos não tinham estudos voltados à tradução e interpretação e aprendiam através do contato direto com a comunidade surda. Aprendiam a ser intérpretes na prática, porém, apenas o conhecimento empírico e adquirido para fins religiosos e conversas informais já não era o bastante, pois o intérprete começou a acompanhar o surdo em outros

ambientes. Souza (2018) comenta sobre a atuação do intérprete em outros espaços, porém, abordando a inexistência de formação específica no início da atuação:

“Aos poucos o grupo voluntário de ouvintes também passou a atuar na acessibilidade de comunicação em serviços pessoais dos surdos, tais como: idas a médicos, audiências judiciais, bem como no ambiente educacional, haja vista que não haviam pessoas com formação específica para atuação nesta área. Podemos dizer que este foi um dos pontapés iniciais para a preocupação com a formação dos profissionais intérpretes e acessibilidade comunicacional e informacional.” (SOUZA 2018, p. 23).

A necessidade de profissionalização surgiu também por conta das mudanças ocorridas na educação de surdos, tendo em vista que por infindáveis décadas o surdo foi obrigado a oralizar e não lhe era permitido o uso da língua de sinais, não sendo levada em consideração a diferença linguística quanto à modalidade, tendo em vista que a língua portuguesa é oral auditiva e a língua de sinais é espaço visual.

Com o passar do tempo, a utilização da língua de sinais foi permitida, e assim, foi pensado também que alguém precisava entender o que era sinalizado por parte dos surdos. Então, passa a existir com algum valor a figura do TILS nas instituições educacionais. A escola já era um novo espaço para atuação deste profissional, surgindo a necessidade de novos estudos para o intérprete. Entretanto, onde buscar estas formações era a questão, pois, por se tratar de uma área nova, ainda não haviam estudos voltados a esta temática. Então, em 1988 foi organizado pela FENEIS o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, “momento que proporcionou o encontro de vários tradutores/intérpretes do Brasil para discussões e avaliação sobre a ética deste profissional”. (SOUZA, 2010, p. 60).

Dias (2018) faz um apanhado geral sobre a formação do Intérprete de Libras, afirmando que antes da década de 80, a formação era inexistente. Na década de 80 surgiu o evangelizador e voluntário, oriundo das igrejas e famílias de surdos; na década de 90, além do evangelizador e do voluntário, surge o profissional, sendo os mesmos sujeitos da década anterior, mas com uma conjuntura trabalhista e não tanto assistencial. Na década de 2000 até os dias atuais, apesar do evangelizador e do voluntário permanecerem, houve uma ampliação na área profissional, desta vez, com pessoas que enxergam a oportunidade de se lançar no mercado de trabalho sem necessariamente ser oriundo de igreja.

Já voltado para o intérprete educacional, Santos (2012) afirma que o intérprete de língua de sinais passa a existir no espaço escolar no momento em que se lutava por uma

educação inclusiva. Até então, não se pensava na necessidade do intérprete na escola, pois apenas o oralismo era imposto ao aluno surdo. De acordo com Martins (2016)

“Numa proposta oralista, o intérprete de língua de sinais, não era convocado, uma vez que se propunha um ensino pela reparação, portanto, pela oralidade. Quando se acredita ou se credita à língua de sinais, como língua de fato, é que se passa a entender, ou melhor, é que se pode questionar a necessidade de aulas proferidas por essa língua. A escola inclusiva resistiu muito a entrada do intérprete”. (MARTINS, 2016, p.154)

1.3. As lutas e a segurança legal do TILS

Foram muitas lutas para que a educação de surdos tivesse novas perspectivas e para que o intérprete de Libras fosse incluído na sala de aula, Martins (2016) fala a respeito delas e de seus resultados:

“Foi por meio de lutas dos movimentos políticos surdos, como a própria parceria da FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, e por meio às pesquisas na área da educação e linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras), iniciada neste mesmo período, que a regulamentação da atividade do intérprete se deu enquanto profissão.” (MARTINS, 2016, p.153)

Um pouco tardia esta regulamentação, pois aconteceu somente em 2010. Porém outros documentos oficiais já se referiam ao profissional intérprete de língua de sinais, a saber, a Declaração de Salamanca de 1994, a Lei 10.098 de 2000, o Decreto 5. 626 de 2005.

A oficialização da Libras como língua da comunidade surda através da Lei Federal 10. 436 de 2002 impulsionou a profissão de tradutor intérprete da língua de sinais no Brasil e, posteriormente, o Decreto 5. 626 de 2005 vem confirmar a importância deste profissional no processo educativo e social do surdo, uma vez que regulamenta tanto a Lei da Libras, quanto a Lei da Acessibilidade (Lei Federal 10.098 de 2000) e trata da formação do TILS. Já bem mais tarde, mais precisamente em 2010, a Lei 13. 319 que regulamenta a profissão do tradutor intérprete foi sancionada, esclarecendo o exercício da profissão, sua competência, formação e atribuições, levando em consideração, a ética que envolve e é exigida para exercer a profissão.

Com a oficialização da língua de sinais, a atividade de interpretação ganhou mais espaço, sobretudo na área educacional. Alguns estados abriram vagas em concursos públicos para o cargo Intérprete de Libras. No ano de 2006, a Prefeitura de Ribeirão Pires em São Paulo realizou concurso contendo 3 vagas no geral e 1 vaga para cadastro de reserva, com

carga horária de 40 horas mensais, os pré requisitos foram ensino médio completo e formação em curso para capacitação de intérprete com certificado emitido pela FENEIS. Em 2007, a Prefeitura de São Luís deu o pontapé inicial em concurso para Intérprete de Libras no Estado do Maranhão. Ela realizou concurso para Professor Intérprete de Libras com 14 vagas no total, 24 horas semanais de carga horária e exigências como formação nível superior em qualquer licenciatura e Prolibras. Em 2008, a Câmara de Sorocaba no estado de São Paulo realizou concurso para o cargo com 2 vagas com carga horária semanal de 40 horas, formação em nível médio e em Libras com curso reconhecido pelo MEC. A partir da iniciativa de instituições públicas que abriram vagas para intérpretes de Libras, a profissão ganhou mais visibilidade.

1.4 Representações junto às associações

As garantias legais apresentadas no tópico anterior são um reflexo da luta da comunidade surda juntamente com os profissionais que, como já foi dito, iniciou de forma tímida dentro das igrejas na década de 80 e cuja relevância não se ateve somente no âmbito religioso, mas sobressaltou de maneira extraordinária em diferentes ambientes, em especial, na área educacional. Além de garantir acessibilidade à pessoa surda, impulsionou a evolução da profissão e a busca por representação e organização política através de associações estaduais e nacional como é o caso da FEBRAPILS (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Línguas de Sinais) que foi fundada em 2008 com o intuito de orientar e apoiar as associações de intérpretes da LS. Souza (2018) afirma que “o engajamento político dos TILS em suas organizações é parte importante dos avanços obtidos pela categoria na última década, seja na formação como também na normatização da profissão.”.

Deste modo, é importante mencionar que a atividade de interpretação foi se desenvolvendo aos poucos, passando por marcos cruciais. Surgiu da necessidade de comunicação e evangelização, e, posteriormente, pela busca de conhecimentos até alcançar garantias legais. Cada conquista possibilitou a transformação da atividade de interpretação em profissão reconhecida e legalizada. A seguir, o capítulo 2 aborda a pesquisa e sua metodologia, como foi realizada e quem são os atores da trajetória do TILS em São Luís.

2. A PESQUISA E SUA METODOLOGIA

2.1. Quanto à abordagem

Esta pesquisa tem por base a abordagem qualitativa, pois não se atenta às representações numéricas e sim a ampliação do entendimento social diante do tema abordado. Godoy (1995) explica que:

“A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p.58).

2.2. Quanto ao objetivo

No que diz respeito ao objetivo, é uma pesquisa exploratória, uma vez que visa investigar e registrar a trajetória e a profissionalização do intérprete de Libras em São Luís – MA. Segundo Gil (2007),

A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007, p.41).

Para tanto, primeiramente, foi feito um levantamento bibliográfico para apurar o que já havia sido publicado a respeito. Após, foi organizado um roteiro de entrevistas para ser aplicado a diferentes atores que construíram os primeiros pilares da profissão no estado, sendo que todas as entrevistas foram registradas por meio de áudio, com autorização prévia do entrevistado. Em seguida, deu-se início à construção do texto e análise dos dados.

2.3. Quanto aos participantes

Dentre os atores, houve entrevista diretamente com Valéria Cardoso Ewerton, a primeira a atuar como intérprete e multiplicadora dos ensinamentos recebidos, com Irene Santos Cabral, a pioneira em interpretação educacional e com alguns segmentos que de alguma forma estão ligados e ou contribuíram com a história, formação e profissionalização do tradutor e intérprete da língua de sinais, como a Igreja Batista Getsêmani através de Kélcia Alexandra, a Primeira Igreja Batista em São Luís, por meio de Andrea Pestana e Lígia Gabriela, a Pastoral do Surdo – Paróquia de São Pantaleão através de Lícia Maria Cardoso, o CAS – Centro de Ensino e Apoio à pessoa com Surdez Professora Maria da Glória Costa Arcangeli na pessoa de Irene Santos Cabral, a APILMA - Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Maranhão com intermédio de Roselane Laíza Martins, que foi a presidente da referida associação. Também, por fazer parte da história da profissão, foram entrevistados alguns profissionais que participaram e tiveram aprovação da primeira edição do Prolibras – Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa e de aprovados nos primeiros concursos para o cargo de tradutor e intérprete de Libras realizados pelas esferas municipal, estadual e federal, a saber, Amires Câmara, Josane Monroe e Roselane Laíza Martins.

2.4. Quanto às perguntas

As perguntas realizadas nas entrevistas foram elaboradas com o objetivo de coletar informações a respeito do início da profissão de intérprete em São Luís do Maranhão. Elas foram divididas em grupos para uma melhor organização, desta forma, as mesmas perguntas direcionadas à Valéria Ewerton, também foram feitas à Irene Cabral. As perguntas realizadas para a Igreja Getsêmani, foram direcionadas à Primeira Igreja Batista em São Luís e à Pastoral do Surdo – Paróquia de São Pantaleão. Os demais segmentos, foram perguntas individualizadas.

Por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa e exploratória, as perguntas direcionadas aos entrevistados visam construir a trajetória do profissional intérprete de Libras

em São Luís, o início da atividade interpretativa e o como aconteceu o seu desenvolvimento. O próximo capítulo, busca analisar as entrevistas, a fim de contar como se deu este desenvolvimento.

3. ANÁLISE DE DADOS

A profissão de Intérprete de Libras é bem recente em todo o país, no Maranhão, seus primeiros passos datam de meados da década de 80 no âmbito religioso. E, assim como no restante do Brasil, o estado maranhense também iniciou as atividades de interpretação em igrejas de forma voluntária e informal, entretanto, não foi através de familiares de algum surdo. A trajetória deste profissional se deu através da iniciativa da missionária Lois Broughton que ministrou um Curso de “Mímicas” para membros de diferentes Igrejas Batistas em São Luís.

3.1. Do ponto de vista de Valéria

Valéria Ewerton foi a primeira pessoa a atuar como intérprete de Libras em São Luís do Maranhão, aprendeu a língua de sinais no ano de 1985 por meio da missionária da Igreja Batista Lois Broughton que já realizava um trabalho voltado à evangelização de surdos em Teresina – Piauí. A missionária estava de férias e veio para São Luís visitar seus pais. Valéria iniciou sua trajetória na Igreja Batista Getsêmani no bairro da Cohab em São Luís e se tornou intérprete por acreditar que:

“para qualquer ser humano sair da sua condição de vitimização, ou de falta de direcionamento, ou até mesmo de autovalorização precisa conhecer Jesus Cristo...Conhecer o Senhor Jesus Cristo como Senhor e Salvador da minha vida fez toda diferença para mim, então eu queria que eles também entendessem que poderia fazer diferença na vida deles”.

No início, Valéria não tinha nenhum motivo específico. Fez o curso apenas por ter um grande vínculo de amizade com Lois Broughton, por ser uma forma de passar o tempo e também por curiosidade. Nem sabia ao certo do que se tratava, ainda era adolescente, recém convertida e tinha encerrado o ensino médio há pouco tempo. O curso durou 2 semanas, sendo 2 horas diárias de segunda a sexta e era denominado curso de mímica, em que a metodologia era basicamente reproduzir os sinais ensinados pela professora. Foi disponibilizada uma apostila com os desenhos das configurações de mão e algumas setas para mostrar o movimento, eram ensinados os sinais de forma solta, sem nenhum contexto, apenas palavra em português com o sinal correspondente.

Durante o período em que o curso foi ministrado, Lois Broughton começou a sair para fazer visita e conhecer surdos de São Luís e a Valéria juntamente com mais dois amigos,

Cristiane Quadros e o Ruben Pereira, se disponibilizaram para ir com ela em busca de surdos para evangelizar. Nesta dinâmica, eles iam aprendendo, principalmente por causa do contato. Com o fim das férias, a missionária retorna ao Piauí e Valéria pensa consigo:

“Meu Deus e agora? Como é que os surdos vão ficar? Vai terminar todo este trabalho? Vai ficar por isso mesmo? E aquilo mexeu demais comigo e eu disse: Não pode acontecer isso! Isso não está certo! Então quando a Lois saiu, eu continuei fazendo este trabalho com eles”.

Ela deu continuidade ao trabalho iniciado por Lois, porém por questões financeiras, de locomoção e até mesmo permissão dos pais, começou a buscar surdos pelas imediações próximas à sua residência. Conheceu o surdo Ferdinand que morava perto e iniciou uma amizade com ele. Este surdo, por sua vez, chamou outros 4 surdos, a saber, Sérgio, Mário, Antonio Carlos e seu irmão Fernando que logo se tornaram amigos dela também. Eles iam sempre em sua casa e, certo dia, Valéria os chamou para ir à Igreja Batista Getsêmani para a EBD⁵ e lá, começou a interpretar. Utilizava figuras grandes no flanelógrafo, utilizava dramatização com a ajuda do Antonio Carlos que era oralizado. Tudo isso chamou muito a atenção de algumas pessoas, principalmente crianças e adolescentes, já que era tudo uma novidade. Assim, surgiu o interesse destas pessoas em aprender também a língua de sinais.

Fotografia 1: Valéria interpretando na EBD na Igreja Getsêmani, para Antonio Carlos.



Fonte: Valéria Ewerton (1986)

⁵ Escola Bíblica Dominical, reuniões aos domingos voltadas aos ensinamentos da bíblia.

Os surdos começaram a frequentar a igreja. A princípio, Valéria ficava sentada no último banco da igreja interpretando para os 5 surdos, tentando não chamar atenção. Com o passar do tempo, conversou com o pastor, e pediu autorização para ir à frente com o grupo, uma vez que o último banco não era favorável a ela. Foi à frente e interpretava sentada, para não chamar atenção e também porque interpretava sozinha. Aos poucos, ela organizou e começou a ensinar os adolescentes interessados. O curso era totalmente gratuito, nos mesmos moldes do oferecido por Lois Broughton e seu principal objetivo era fazer com que as pessoas pudessem conhecer melhor o surdo, desmistificando o pensamento de que eles eram pessoas zangadas. Com a observação dos surdos, Valéria foi percebendo peculiaridades, por exemplo, que a aprendizagem do surdo é visual, que assim como o ouvinte, o surdo também pensa em sua língua materna. Ela fazia questão de propagar tais informações aos cursistas. Aproveitava a presença do Antonio Carlos para que os aprendizes colocassem em prática tudo que era ensinado.

Fotografia 2: Valéria interpretando na Igreja Getsêmani, em uma das primeiras vezes que foi interpretar na frente da igreja.



Fonte: Valéria Ewerton (1986)

Valéria multiplicou os conhecimentos adquiridos e aprendeu a ser intérprete na prática e no contato com surdos, já que na época não havia nenhuma formação voltada à área de tradução e interpretação. Ela afirma:

“Na área do Sul e Sudeste este processo se desenvolveu muito mais do que para cá, Norte e Nordeste, de capacitações, de estudos, de pesquisa dentro da área da surdez...para cá, até mesmo as dificuldades de deslocamento, de pessoas e infraestrutura limitavam muito”.

Somente na década de 90 Valéria começou a participar de alguns congressos não necessariamente de formação para intérprete, mas de estudos na área da surdez. Enquanto isso, ia fazendo suas próprias descobertas. Várias dificuldades foram vivenciadas no início de sua atuação como intérprete, principalmente por não haver orientação, estruturação, tampouco acompanhamento. Por se tratar de algo novo, não havia informações a respeito de como proceder em diversas situações, era um aprendizado empírico, como por exemplo a necessidade de fazer alongamentos, de fazer revezamento. Tudo isso foi percebido através da prática do dia-a-dia. Neste período, ela se propôs a promover cursos em várias igrejas da capital e também em Paço do Lumiar⁶, implantando o Ministério SOM⁷ em várias Igrejas Batistas.

Acompanhou os surdos em diversos momentos, como reuniões familiares, consultas médicas, situações do dia-a-dia que às vezes eram constrangedoras. Muitas famílias a viam com desconfiança, pois imaginavam que poderia haver algum outro interesse, quando na verdade só havia o interesse em ajudar. Outras vezes, ao entrar em um consultório com o surdo, o médico não aceitar sua permanência durante a consulta, ou o profissional desconfiado perguntar se ela estava sinalizando tudo ou estava inventando, houve até mesmo momentos em que ela acompanhou um surdo que precisou ficar despido diante dela e do médico. Apesar do surdo se sentir à vontade, causava constrangimento para ela. Houve uma resistência muito grande em relação à aceitação da presença do intérprete em todos os

⁶ Município pertencente à Região Metropolitana de São Luís

⁷ Quem sugeriu este nome para o ministério foi a mãe da Lois, a senhora Joaquina Broughton, a princípio, Valéria não viu com bons olhos, um ministério para surdo com o nome SOM não fazia sentido, então veio a explicação: SOM significa Surdos Ouvindo a Mensagem, daí, ela percebeu o quanto fazia sentido e adotou este nome em todas as igrejas nas quais implantou o ministério.

âmbitos, tanto na área educacional, como na saúde, no mercado de trabalho, família e até mesmo a igreja em algumas situações.

Quando a década de 90 chegou, Valéria já havia ministrado cursos em várias igrejas de São Luís e foi chamada para ministrar o primeiro curso de Libras (no tempo ainda não era esta nomenclatura, era denominado linguagem de sinais) para o corpo docente da rede de ensino público do Estado do Maranhão, o que representou um grande avanço, tendo em vista que o ensino para surdos ainda era pelo método oralista. Este acontecimento deu início a um novo capítulo na história da educação de surdos e, conseqüentemente, na história da tradução e interpretação de Libras no estado, uma vez que proporcionou novos olhares para a surdez. Eram trabalhados vários conteúdos como postura, posição do intérprete, o uso do espaço, vestimenta, abordagem sobre o surdo e as especificidades da surdez. Além destas formações, Valéria trabalhou também na educação como intérprete de Libras, porém não ficou muito tempo. Enfrentou várias dificuldades tais como desvalorização profissional, desrespeito por parte da secretaria de educação, que foram atitudes que desgastaram muito sua vontade de continuar na área.

O auge deste desgaste, se deu em uma certa manhã, já com 4 meses trabalhando em sala de aula, com salário atrasado, ela e o grupo de intérpretes contratados para atuarem na escola chamada na época de CEGEL (Complexo Educacional Governador Edson Lobão)⁸ foram até a secretaria adjunta de educação especial cobrar uma posição do Estado a respeito de pagamento e a secretária perguntou:

“quem chamou vocês para dentro de sala de aula? Ninguém chamou vocês.” Valéria respondeu “até onde eu sei, eu não bati na porta de vocês para pedir emprego, vocês ligaram para minha casa. Agora é muito estranho a senhora como secretária adjunta da educação especial fazer este tipo de pergunta para a gente. Estamos a quatro meses dentro da sala de aula então quer dizer que qualquer pessoa pode entrar numa sala de aula, fazer um trabalho e vocês não conhecem? Então a coisa está bem desorganizada”.

⁸ Escola de referência na educação de surdos, atualmente mudou o nome para Centro de Ensino Médio João Francisco Lisboa - CEJOL.

Após a reunião, voltaram para a escola, uma pessoa da secretaria chegou dizendo que haveria uma programação voltada a área de mercado de trabalho para pessoas com deficiência e estavam requisitando a presença de intérpretes, pois teriam surdos. Valéria questionou:

“Agora o Estado tem intérprete? Acabamos de ouvir que o Estado não tinha intérprete nenhum. Eu não vou interpretar, vou ao encontro por interesse na temática, mas não me chame para interpretar. Porque o Estado tem que aprender a respeitar as pessoas.”

Chegando ao evento, ela foi chamada para interpretar e diante de todos, pediu perdão aos surdos e afirmou que não interpretaria, pois o Estado havia falado mais cedo que não tinha intérprete. Entretanto, um dos intérpretes do grupo levantou e disse que iria interpretar, o que causou uma grande decepção, pois aquela pessoa passou por cima de tudo que Valéria acabara de dizer. Naquele momento decidiu que não trabalharia mais como intérprete na educação. Esperou o ano letivo terminar, pois não queria prejudicar os alunos surdos. Ao término daquele ano, desistiu de continuar trabalhando através do contrato com a secretaria de educação.

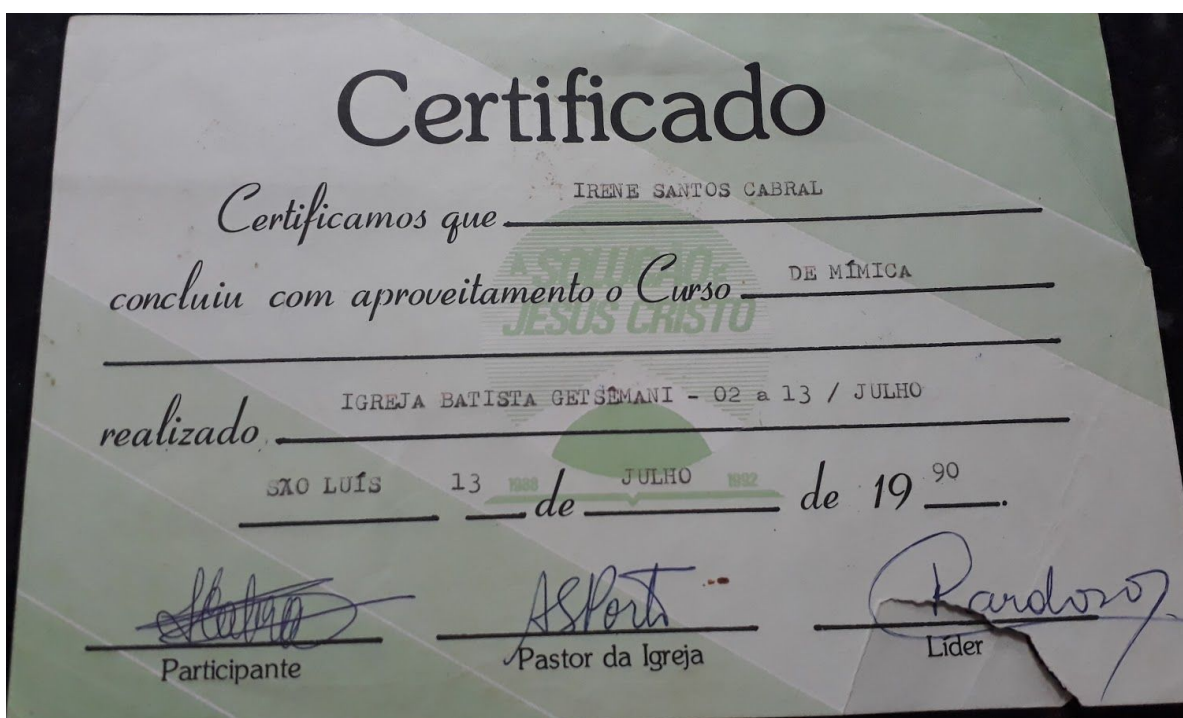
Atualmente, Valéria interpreta esporadicamente apenas em aconselhamento de casais surdos, alguma situação que busca direitos dos surdos, mas não mais interpretações públicas em tribunais, igrejas ou outras instituições. Ela não exerce mais a profissão de intérprete de Libras, mas espera que o TILS:

“avance não somente como indivíduo, mas também como profissional, no sentido de entender que é uma classe, não é apenas uma pessoa ou outra. Aquilo que um faz, repercutirá diretamente em outros e ajudará ou prejudicará a profissão no final das contas. Podendo torná-la algo de edificação para a sociedade, de benefício para o surdo ou às vezes pode se tornar um entrave, vai depender muito desta construção que ainda está em andamento... há um mercado de trabalho muito amplo a ser conquistado, mas o que me preocupa é como isso está sendo feito, ainda percebo a necessidade dos intérpretes se olharem como uma classe profissional e não como competidores entre si e nem com um olhar egoísta... barganhando aquilo que está no código de ética, às vezes passando por cima de outro.”

3.2. Do ponto de vista de Irene

Irene Santos Cabral, teve seu primeiro contato com a Língua de Sinais em 1990. Já trabalhava como professora, estava de férias e viu um anúncio de um “curso de mímica” que seria feito na Igreja Batista Getsêmani, quem estava colando o cartaz era a própria Valéria Ewerton, quem também ministraria o curso. Ficou interessada e foi fazer o curso que duraria 2 semanas. Foi um curso de vocabulários e Irene se encantou com a língua. Não foi algo premeditado, não teve uma razão específica, foi mais por curiosidade. Participava da Igreja Batista Vila Palmeira e levou consigo para o curso outros jovens da sua igreja. Depois do primeiro curso, aproveitou que a Valéria ia iniciar outra turma e fez novamente o curso para aprofundar mais seus conhecimentos.

Fotografia 3. Certificado de Irene referente ao Curso de Mímica



Fonte: Irene Cabral (2018)

No fim do ano de 1990, Valéria anunciou que levaria alguns surdos da Igreja Getsêmani para a Igreja da Vila Palmeira, uma vez que estes moravam bem mais próximos desta. Ela pediu que Irene assumisse o Ministério SOM ali, uma vez que já tinha conhecimento da LS. Irene aceitou e começou a buscar mais conhecimentos sobre a língua e

as especificidades da pessoa surda. Sua primeira atuação como intérprete foi no âmbito religioso e demorou ainda bastante tempo para iniciar na área da educação como TILS.

Fotografia 4. Irene interpretando na Igreja Batista em Vila Palmeira.



Fonte: Irene Cabral (1990)

Após dois anos de Ministério SOM, foi aprovada no concurso público da rede de ensino estadual como professora e pediu para a coordenação de educação especial que a deixasse trabalhar com alunos surdos, pois já tinha um trabalho na igreja. No entanto, não havia vagas para a educação de surdos, mas a professora Glorinha⁹ em uma atitude de aceitação, foi no setor de lotação para indicá-la para uma sala onde a professora estava prestes a se afastar, pois iria assumir outro concurso. Ficou como professora auxiliar em uma turma só de surdos, porém com diferentes idades e níveis de conhecimento em LS.

Pouco depois, a professora regente se afastou e Irene assumiu o posto como professora de surdos. Neste período, ainda era expressamente proibida a utilização da Língua de Sinais, a abordagem era oralista, ela recebeu um documento com uma série de recomendações sobre o

⁹ Maria da Glória Costa Arcangeli, uma professora que muito cooperou para a educação de Surdos no Maranhão, por conta disso, o Centro de Ensino e Apoio à Pessoa com Surdez - CAS fez uma homenagem a ela, colocando seu nome integrado ao Centro.

que era e o que não era permitido na sala de aula, Irene lembra que regra que estava no topo da lista era: “não pode gesticular!”, mas como conhecedora da língua de sinais, não conseguiu obedecer esta regra. Na sala, sinalizava e conseguia ótimos resultados dos seus alunos tanto em comportamento quanto aprendizagem.

Ao fim do ano de 1992, três meses após Irene iniciar seu trabalho com os surdos, o Estado proporcionou um curso de capacitação na área de educação especial para os professores da rede, tanto para os veteranos quanto para os que eram recém chegados. Vários conteúdos foram abordados e nesta formação, aconteceu a primeira oficina em língua de sinais, que foi ministrada por um surdo chamado José Gomes de Oliveira Júnior. Irene relembra: “Para os demais professores, era uma novidade, para mim, era uma felicidade, porque eu estava vendo a língua de sinais pela primeira vez dada por um surdo, isso aconteceu e já foi vislumbrada uma mudança na educação de surdos, de fato foi realmente o início”.

Logo após, houve outra formação. Desta vez, veio uma professora do Rio de Janeiro para tratar da comunicação total, fazendo demonstração da importância da LS para o surdo. Quando oralizava, os surdos ficavam inertes. Porém, ao sinalizar, os surdos interagiam com a professora. Em seguida, a secretaria de educação ofereceu o primeiro curso de língua de sinais. Estava previsto que Valéria Ewerton ministrasse o curso nos turnos matutino e vespertino. Entretanto por força maior, ela não poderia assumir nos dois turnos. A professora Glorinha pediu a Irene que assumisse a turma vespertina e ao invés de aluna, Irene foi formadora dos professores juntamente com Valéria. Ao final deste curso, foi liberado o uso da língua de sinais nas escolas. Mas os professores que tinham mais dificuldade na sinalização não aceitaram muito bem a língua de sinais.

Em 1998, ou seja, 5 anos após o curso de língua de sinais e da liberação da sinalização nas escolas, após alguns anos estudando em salas especiais, quatro alunos surdos foram aprovados para 5ª série, atualmente o 6º ano do Ensino Fundamental e surgiu uma indagação de quem iria acompanhá-los e como seria a integração deles. Em reunião, foi decidido que Irene, por ser conhecedora da língua e já ter uma experiência como intérprete no ambiente religioso, além de ser do quadro de professores, seria a pessoa responsável por assumir esta tarefa. Então, de professora de surdos passou a ser intérprete de língua de sinais no CEGEL, dando início à função de intérprete educacional em São Luís do Maranhão. Nos anos

seguintes, o número de alunos surdos a partir da 5ª série foi aumentando e a necessidade de ter outros intérpretes na escola cresceu também. Então, outras professoras que também fizeram o curso de Libras como formação para docentes da rede estadual ministrado por Valéria Ewerton e pela própria Irene deixaram a classe especial para assumir como intérpretes nas salas inclusivas. Estas pessoas foram Teresa Duarte em 1999 e Gracy Mary Monteiro em 2000.

No início, Irene passou por algumas dificuldades, pois a interpretação das aulas era extensa, não tinha outro intérprete para revezar e a carga horária era exaustiva, pois iniciava às 7:10 e encerrava ora às 11:45 ora às 12:45, diferentemente do período que atuou como professora, quando iniciava às 7:30 até às 11:30, todos os dias da semana. Os livros eram muito condensados para os surdos que desconheciam a língua portuguesa, a aceitação por parte de alguns professores quanto à presença do intérprete e dos alunos surdos, a falta de compreensão de qual seria o papel do intérprete, a delegação de responsabilidade, pois os professores acreditavam que os alunos surdos eram alunos dela, além da busca de sinais já que não tinha muito material na época. Ela viveu várias situações embaraçosas, e lembra que uma vez o professor de ciências passou um trabalho sobre “reprodução” para que os alunos fizessem e dessem sua opinião. Um surdo trouxe o trabalho, mas ele estava explicando sobre “trabalho”, abordava que o trabalho era muito importante que dignificava o homem, uma vez que ao interpretar, Irene usou o sinal de trabalho e não atividade e o surdo acabou se confundindo. Outra situação, foi ela perguntar o sinal de “direito” e o surdo entender “direto” e ela passou bastante tempo usando o sinal errado, até um dia ver o sinal correto, corrigir e avisar ao surdo da troca de sinal.

Quando estava interpretando, todos os olhares se voltavam a Irene. Por ser uma novidade, chamava atenção não só dos surdos, como dos ouvintes também. Por isso, o intérprete não pode ser inibido, ela afirma: “para ser intérprete, não pode ser vergonhoso”, pois chama muita atenção. Entretanto, ao interpretar, ela esquecia o que tinha ao redor, mas exigia a atenção total dos surdos, já que sentia que não estava dizendo nada se não estivesse sendo vista.

Em 2001, com uma demanda bem maior que o número de intérpretes disponíveis, a Secretaria de Educação do Estado do Maranhão efetuou pela primeira vez contrato de 6

peessoas fluentes em Libras para atuarem especificamente como intérpretes nas salas inclusivas. Foram elas: Valéria Ewerton, Irlan Cerqueira, Janaina Teles, Léa Cristina, Margareth Barros e Alberto Lima. Ao fim de 2001, os alunos que Irene acompanhou concluíram o ensino fundamental e ela se afastou da atividade de interpretação em sala de aula, pois como afirmou, “eu fui intérprete, atuei como intérprete, mas sou professora”. Ainda passou um tempo interpretando congressos e seminários, mas atualmente não interpreta mais.

Fotografia 5. Primeiros alunos surdos acompanhados por intérprete no ensino fundamental.



Fonte: Irene Cabral (2018)

Irene acredita que foi muito difícil no início, um grande desafio, mas teve um progresso enorme. Atualmente, há um bom número de intérprete em nível muito alto de conhecimento, muita formação na área, e o CAS tem uma boa contribuição nesta formação. Aconteceram vários concursos, principalmente na área educacional. Ela pensa que futuramente, tende a melhorar e deseja que os profissionais possam assumir o compromisso

com o surdo, bem como a educação deste se desenvolva ainda mais e que mais vagas sejam criadas para ampliar o número de intérpretes.

3.3. A trajetória do intérprete nas igrejas

No Maranhão, a função de intérprete chegou primeiro às igrejas para depois dar seus primeiros passos na educação e, atualmente, em várias áreas. Isto se deu através da missionária Lois Broughton que ministrou um curso de mímica para alguns jovens de várias igrejas que tudo começou. Dentre estes jovens, há um destaque especial para Valéria Ewerton, que deu continuidade aos ensinamentos da missionária.

A primeira igreja onde a Valéria implantou o Ministério SOM foi a Igreja Batista Getsêmani. Em seguida, foi visitando outras igrejas e implantando nelas também o Ministério, como Igreja Batista Vila Palmeira, Igreja Batista Central, Primeira Igreja Batista em São Luís. Houve também trabalhos de evangelização na Igreja São José São Pantaleão através de outros missionários.

3.3.1. Um pouco da trajetória do TILS na Igreja Batista Getsêmani

Em 1987 oficialmente foi criado o Ministério Surdos Ouvindo a Mensagem – SOM. Valéria convidava os surdos para a igreja e lá fazia a interpretação dos cultos e posteriormente, foi treinando outras pessoas para exercer também a função de intérprete na igreja. Eram oferecidos cursos de mímicas para os membros da igreja, e na maioria, eram adolescentes que tinham interesse em aprender. Não havia um curso específico na área de interpretação, os cursos eram voltados mais ao vocabulário do dia-a-dia e religioso.

Além da interpretação dos cultos e atividades dentro da igreja, a proposta do Ministério era acompanhar o surdo nas necessidades de comunicação fora da igreja também, por exemplo, em uma reunião com a família, consulta médica, jurídica, em qualquer necessidade do surdo, o ministério se propunha a dar o suporte para que eles se sentissem incluídos. Atualmente, a igreja continua com seus trabalhos assistenciais e também com a tradução e interpretação nos cultos, reuniões e EBD, aconselhamento de casais e também já oferece formação para intérprete com foco na interpretação religiosa, como mensagens bíblicas, músicas e sobre a postura do intérprete na igreja.

Fotografia 6. Valéria interpretando em um retiro organizado pela Igreja Getsêmani.



Fonte: Valéria Ewerton (1987)

De acordo com Kélcia Alexandra, intérprete e membro da Igreja Batista Getsêmani, hoje, praticamente 80% dos intérpretes que atuam na igreja também atuam em outras áreas, principalmente na educação, já que a igreja dispõe de 10 intérpretes, então apenas 2 não trabalham em outras áreas. A primeira intérprete de Libras do Ministério SOM, não atua mais na área, mas sua substituta permanece atuando como TILS tanto na igreja como na área educacional.

3.3.2. Um pouco da trajetória do TILS na Primeira Igreja Batista em São Luís - PIB

A Primeira Igreja Batista em São Luís - PIB, iniciou seus trabalhos voltados aos surdos em 1989, surgindo por conta das atividades realizadas por Valéria, que visitava as igrejas para implantar o Ministério SOM e também por uma missionária chamada Billy Smart. Eram feitas interpretações dos cultos, cursos e treinamentos oferecidos para que outras pessoas pudessem interpretar. Assim como na Getsêmani, não havia curso específico na área de interpretação, as pessoas que entravam no Ministério tinham um treinamento básico de postura e sinais.

Fotografia 7. Valéria (sentada) ministrando curso de mímica, momento em que pede para aluna fazer os sinais.



Fonte: Andréa Pestana (1989)

A PIB realizava aconselhamentos, conversas com as famílias, acompanhamento em consultas, também se preocupava com o mercado de trabalho, realizava na época curso de datilografia, treinamento com máquina de scanner, tinha oficinas de aperfeiçoamento com os surdos e, após os cursos, eram encaminhados para algumas empresas. Hoje, a igreja continua somente com os trabalhos de tradução e interpretação nos cultos, reuniões e EBD.

Nesta trajetória, muitas foram as situações que envolveram intérpretes e surdos, como por exemplo, durante uma das celebrações, dois surdos começaram a discutir e o intérprete teve que intervir e pedir para que parassem, pois não era o momento nem lugar para discussões. Outra situação inusitada foi a presença de uma surda-cega na igreja e não havia alguém com conhecimento de Libras tátil. Foi necessário improvisar, pois geralmente há dois intérpretes escalados para fazer a interpretação do culto, mas neste dia, apenas um TILS ficou o tempo todo interpretando o culto, que durou em média uma hora e meia e o outro ficou sentado ao lado da surda-cega, tentando passar as informações a ela. Entretanto, a surda-cega queria aproveitar para conversar sobre outros assuntos, uma vez que era difícil encontrar alguém que conseguisse se comunicar com ela. Ainda houve caso de falecimento da mãe de

uma surda e todos da equipe foram ao velório para dar apoio emocional, o que foi de muito valor para a família toda da surda.

A função de intérprete na igreja iniciou com pouco recurso. Foi se desenvolvendo em materiais, estratégias de interpretação e agora, para quem quer entrar no ministério, não dá mais para fazer apenas um curso de Libras básico; é necessário se aprofundar nas questões linguísticas. Cursos e oficinas são oferecidos para o desenvolvimento da profissão. Atualmente, a igreja conta com 6 intérpretes, metade atua somente na igreja e a outra metade atua em outras áreas além da igreja. O Ministério outrora chamado SOM, hoje em dia é Ir-Mãos. Seus intérpretes pioneiros já não atuam mais no Ministério, porém permanecem atuando em outras áreas, principalmente a educacional.

3.3.3. Um pouco da trajetória do TILS na Igreja de São Pantaleão

No ano 2000, alguns missionários católicos de Natal - RN vieram para São Luís. Já tinham um trabalho de pastoral de surdos no seu estado de origem e deram uma assessoria para algumas pessoas que já trabalhavam na igreja e tinham algum conhecimento na língua de sinais. Entretanto, não era na catequese de surdos, começando, assim, as primeiras reuniões. Desenvolveram alguns trabalhos, no entanto, somente em 2001 foi efetivamente fundada a Pastoral do Surdo no Maranhão devido à necessidade de evangelização do surdo na Igreja Católica.

A igreja oferece curso de Libras desde o início da Pastoral, aberto à comunidade em geral, mas as pessoas que já são catequistas de ouvintes têm prioridade para que possam futuramente atuar como catequista de surdos. Foi oferecido, apenas uma vez, um curso de formação específica para tradutor intérprete. Entretanto foi restrito ao grupo que já interpretava na igreja. O principal objetivo da Pastoral é a catequese e a evangelização visando que o surdo seja o próprio evangelizador de outros surdos. Desta forma, o que é oferecido é a catequese e o curso de Libras para a família do surdo. Eventualmente, quando o surdo pede acompanhamento para ir ao médico ou outra situação, se o intérprete da pastoral tiver disponibilidade, ele faz este acompanhamento.

Situações adversas sempre ocorrem diante dos intérpretes, e na Pastoral não poderia ser diferente. Uma das situações foi o padre fazer uma oração em latim e os dois intérpretes que estavam escalados para interpretar não conheciam a oração e aproveitaram que outra

intérprete passava perto e a puxaram para assumir a interpretação. Ela surpreendida, acreditava que era uma oração que já havia decorado e começou a interpretar, mas percebeu que era outra, e puxou uma oração qualquer em honra à Santa Maria, e o surdo percebeu toda a movimentação.

Dos quatro intérpretes que iniciaram os trabalhos na Pastoral, três permanecem atuando na igreja, apenas um não atua mais, pois se tornou padre e não mora mais na capital. Todos os intérpretes da Pastoral também atuam em escolas como intérprete ou como professores de Libras. A igreja continua dispondo dos serviços de tradução e interpretação durante as celebrações, porém com um grupo pequeno e a esperança é que a cada dia o grupo cresça mais e firme um compromisso com Deus e possa utilizar o dom da interpretação para evangelizar.

3.4. Formação de TILS no Centro de Ensino e Apoio à Pessoa com Surdez - CAS

O Centro Ensino e Apoio à pessoa com Surdez Professora Maria da Glória Costa Arcangeli - CAS foi fundado em 2003 e desde então, se preocupa com a formação de intérpretes, até porque boa parte vinha das igrejas e precisava aperfeiçoar seus conhecimentos. No início, o CAS incluía em suas programações, encontros e seminários com conteúdos voltados à formação do intérprete. Houve também momentos em que alguns profissionais participaram de formações fora do Maranhão e, ao retornarem, compartilhavam os conhecimentos com os demais. Outras vezes, trouxe profissionais de outros estados para capacitação, como por exemplo os tradutores intérpretes José Edinilson, Ângela Russo, Ricardo Sander que contribuíram muito com a formação dos profissionais do Maranhão. A partir de 2007, o CAS organizou um curso voltado especificamente à formação do TILS que abordava a ética, a gramática da Libras, os princípios gerais da interpretação, técnicas de tradução e interpretação, dentre outros.

Fotografia 8. José Ednilson ministrou a palestra: A atividade do ILS e suas perspectivas legais e o mini-curso: Signwriting: uma forma de ler e escrever em Língua de Sinais no V Seminário CAS em 2007.



Fonte: <http://casmaranhao.blogspot.com> (2018)

Fotografia 9. Ricardo Sander no IV Encontro do Tradutor Intérprete realizado pelo CAS em 2009.



Fonte: <http://casmaranhao.blogspot.com> (2018)

Antes, a Secretaria de Educação não financiava as formações nesta área, nem a vinda de profissionais de outros estados, tampouco a ida de representantes a encontros fora do Maranhão. Para que os profissionais viessem dar formação no estado, era necessário pedir patrocínio de alguém e, algumas vezes, os profissionais vieram sem receber algum incentivo financeiro. Com o tempo, esta realidade pôde mudar um pouco. Através de projetos e

seminários, foi permitido financiar a vinda de alguns profissionais com iniciativa do CAS. Hoje, este curso que foi originalmente voltado à formação de intérpretes em 2007, se transformou no módulo avançado do curso de Libras oferecido pela instituição e que para ingressar nele, é necessário fazer o módulo intermediário e ser aprovado, comprovando fluência na língua.

Já para os intérpretes, atualmente há a formação continuada, que é um momento de discussão, de estudo aprofundado, de praticar as técnicas de tradução e interpretação. Para ingressar nesta formação se faz necessário ser intérprete, a preferência é atuar como TILS da rede estadual. Entretanto, muitos não procuram a formação, então, houve a necessidade de abrir vagas para profissionais de outras instituições, como prefeituras, IFMA, UFMA, rede privada, igrejas, antigos alunos do curso de Libras avançado que almejam adentrar na profissão. São trabalhados conteúdos como princípios gerais da interpretação, prática, teorias, Signwriting, guia-interpretação, questões da ética profissional, o que envolve o dia-a-dia em sala de aula, dentre outros.

O CAS já realizou palestras voltadas aos TILS, cursos de formação continuada e o Projeto Multiplicas, que trabalhou na perspectiva de tradução e interpretação no período de férias com alguns intérpretes de São Luís e outros do interior do Maranhão. Foram duas semanas e o objetivo deste projeto era provocar e capacitar pessoas para que pudessem produzir em seu município. Outro momento, também voltado a estes profissionais, foi uma formação específica para os intérpretes aprovados no primeiro concurso da rede estadual¹⁰. O concurso foi em 2009, mas a formação específica aconteceu em 2010. Foi uma formação imediata e corrida, bem emergencial, em que foram montadas três turmas, uma para cada turno, visando preparar melhor o profissional para o dia-a-dia em sala de aula.

3.5 A Associação de Intérpretes do Maranhão - APILMA

Ao final do ano de 2007, em São Luís, era um momento bem diferente, pois os intérpretes eram contratados pelo governo do estado e enfrentavam bastante dificuldades financeiras, pois o salário atrasava muito. Eles levavam 3 ou 4 meses para receber, às vezes tinham que pedir emprestado para continuar trabalhando. Além disso, o valor era muito inferior ao que o professor recebia, o contrato era de professor, mas não tinham os mesmos

¹⁰ Informações retiradas da entrevista com Irene Santos Cabral, referente à formações no CAS.

direitos, nem remuneração¹¹. Muitos destes direitos eram desrespeitados. Um exemplo era a quantidade de horas trabalhadas, uma vez que os professores trabalhavam 20 horas semanais e os intérpretes trabalhavam 25 ou às vezes bem mais que isso¹². Além disso, não tinham direito à licença saúde, tampouco licença maternidade. Outra dificuldade era o tempo que o estado levava para contratar no início do ano letivo, pois passavam 3 meses do ano sem contrato, o que acarretava em um grande prejuízo aos surdos. Os intérpretes começaram a se organizar sobre a fundação da Associação de Intérpretes no Maranhão e em outros estados já havia uma movimentação a respeito de associações.

Entretanto, para que houvesse a fundação da associação de intérpretes era necessário ter uma assembleia com representantes da categoria. Então, foi organizado o 1º Encontro da Associação de Intérpretes - ENAPILMA. O encontro aconteceu em maio de 2008 e possibilitou a reunião de vários intérpretes e também da comunidade surda em geral. Muitos que não eram intérpretes, mas trabalhavam na educação de surdos, se disponibilizaram a participar. Todo o estatuto da associação foi organizado e discutido em grupos. Então, surge na perspectiva de unir forças para conseguir valorização e garantia de direitos, a Associação dos Profissionais Tradutores Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Maranhão (APILMA) em janeiro de 2008.

Através da APILMA, foi assegurado o direito de não ultrapassar as 20 horas semanais, a abertura de vagas para o concurso público. Roselane Laíza, presidente da associação, afirmou que dá:

“todo o mérito à nossa organização política, porque se não fosse todas as vezes que a gente foi ao Ministério Público brigar por isso, o Estado não teria aberto esse concurso e mais ainda, acredito que a associação pressionou para a nossa situação aqui, nós somos professores e não técnicos e isso é um ganho muito grande. Em outras esferas, como a federal por exemplo, em que o intérprete é técnico, é um trabalho exaustivo, então para nós, no estado foi um ganho muito grande, estarmos na carreira do magistério e ter garantias como os professores.”

A APILMA realizou 3 aulões do Prolibras, que consistiam em se reunir aos sábados para fazer revisões, treinar a sinalização, assistir e discutir as provas das edições anteriores. Algumas pessoas davam aula e muitos dos que assistiram as aulas tiveram êxito na prova.

¹¹ Informações retiradas da entrevista com Roselane Laíza Martins.

¹² Pois trabalhavam de segunda à sexta do primeiro ao último horário, sendo que no ensino fundamental eram 5 horários e no médio eram 6 horários, sem direito a folga

Houve também 3 encontros voltados à formação do intérprete, sendo o primeiro, a construção da associação, o segundo foi a formação da profissão e o terceiro, sobre a lei do intérprete. Este último, teve a participação do tradutor intérprete José Edinilson que fazia parte da comissão da organização da lei. O foco dos encontros era o trabalho do intérprete.

fotografia 10. José Edinilson no III ENAPILMA.



Fonte: <http://apilma.blogspot.com> (2018)

A associação, por um tempo, foi ativa nas lutas dos intérpretes, mas chegou um momento em que os próprios intérpretes perderam o interesse em mantê-la. Após o terceiro ENAPILMA, a participação destes, de acordo com Roselane Laíza, “foi reduzidíssima, salvo os intérpretes que vieram do interior, ficou complicado dar continuidade aos trabalhos da associação”. As reuniões com cada vez menos representantes, levaram ao encerramento das atividades. A APILMA ficou ativa durante três anos e meio. Legalmente, ainda está ativa, mas na prática está com todas as atividades paradas. Roselane afirma que:

“A leitura que eu faço é o seguinte, conseguiu o concurso, a associação não tem mais porque lutar, enquanto que isso é equivocado, porque tínhamos outras demandas, só que não tem como trabalhar sozinho sem o apoio da classe”.

Já aconteceram reuniões no intuito de retornar a associação, porém não foram adiante. Até porque, há um outro momento histórico: após o segundo concurso que o governo do estado realizou para o cargo de Professor Intérprete, vieram muitos profissionais de outros estados o que acaba interferindo na reorganização da APILMA, Roselane aponta:

“tem muita gente de fora, muita gente novata que não participou da nossa história, das nossas lutas e eles não valorizam isso. É muito triste quando você percebe que a gente tem um grupo imenso, o nosso grupo é enorme, mas não tem valorização da história que a gente construiu.”

3.6. Sobre o Prolibras no Maranhão

O Prolibras é o Exame Nacional de Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais, voltado para o seu ensino, tradução e interpretação, que foi realizado em todo o Brasil no período de 2006 a 2015. O Prolibras certifica os conhecimentos da Libras. Sua primeira edição, foi marcada por uma gama de curiosidade e vontade de testar o nível quanto à língua de sinais.

O primeiro exame no Maranhão, realizado em 2006 para certificação em Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras /Língua Portuguesa/Libras contou com a aprovação na primeira etapa de 15 candidatos, sendo 6 para o nível superior e 9 para o nível médio. Já na segunda etapa, foram aprovados um total de 9 candidatos dividindo-se em 2 para o nível superior e 7 para o médio. Dentre os aprovados, dois foram entrevistados para este trabalho, a saber Roselane Laíza Lima Martins e Josane Oliveira Monroe, ambas aprovadas para nível médio.

Para as entrevistadas, o Prolibras, por se tratar de algo novo, não tinha um parâmetro a ser seguido. Então, a preparação para a primeira etapa foi praticamente estudar os materiais disponíveis. A segunda etapa, já foi uma situação totalmente diferente, pois a prova era registrada em vídeo, o que deixava os participantes nervosos. A preparação para esta etapa foi psicológica antes da prova. Entretanto, é um formato muito interessante que preparou muito o intérprete para avaliações futuras, como o concurso do estado e o vestibular da UFSC.

A iniciativa do exame foi válida por vários motivos, tais como a possibilidade de se avaliar, a oportunidade de treinar e também pelo próprio certificado. Este é um divisor de águas na profissão, pois a partir deste há um reconhecimento da profissão e o mercado se expande. Vale ressaltar que no ano seguinte e dois anos depois do Prolibras, os concursos públicos da prefeitura de São Luís e da UFMA faziam a exigência do Prolibras, o que possibilitou nas duas esferas, a aprovação de pessoas realmente fluentes na língua de sinais, o que já não aconteceu no concurso público estadual. Este exame poderia ter continuidade, pois

daria a oportunidade de pessoas que estão iniciando sua vida profissional nos dias atuais, a ter certificação também.

3.7 Os primeiros concursos para TILS no Maranhão

O governo do estado deu o pontapé inicial na educação de surdos com a contratação de intérpretes de língua de sinais para atuar na sala de aula. Entretanto, em termos de concurso público com vagas destinadas a este profissional, a Prefeitura de São Luís saiu na frente. Em 2007, abriu edital para provimento de 14 vagas para o cargo Professor Intérprete de Libras, incluindo cadastro de reserva e deficientes, com pré-requisitos de Licenciatura em qualquer área, curso de Libras de no mínimo 120 horas e o Prolibras.

Dois anos mais tarde, a Universidade Federal do Maranhão – UFMA realizou concurso para Técnico Tradutor Intérprete de Linguagem de Sinais, disponibilizando 5 vagas com pré-requisitos Ensino Médio completo e Prolibras. Tanto este como o concurso da Prefeitura de São Luís dispensaram a prova prática, tendo em vista que a exigência do Prolibras já era comprovação suficiente da fluência em Língua de Sinais.

Também em 2009, o governo do estado promoveu o concurso público para Professor Intérprete de Libras com 113 vagas para o nível médio e 38 vagas para o nível superior, totalizando 151 vagas para o cargo. Vale ressaltar que estas vagas foram distribuídas apenas em três municípios que fazem parte da Região Metropolitana de São Luís. Outras localidades também foram contempladas. Entretanto, como o foco desta pesquisa é São Luís, não serão tratados aqui. As exigências foram Curso de Formação de Professor em Ensino Médio em Magistério, na Modalidade Normal, acrescido de Curso de Libras com carga horária de no mínimo 120h para o nível médio e Licenciatura Plena em qualquer área, acrescido de Curso de Libras com carga horária de no mínimo 120h para nível superior. O Prolibras foi pedido apenas como título para contabilizar pontos. Houve prova prática com caráter classificatório e eliminatório.

Os concursos realizados pela Prefeitura de São Luís e pelo Governo do Estado adotaram o termo Professor Intérprete, igualando estes profissionais aos professores, assegurando-lhes todos os direitos da carreira do Magistério, o que foi considerado um grande

avanço para a profissão. O mesmo não aconteceu no concurso da UFMA, que utilizou o termo Técnico em Tradução e Interpretação.

Para este tópico, foram entrevistadas duas intérpretes, uma fez somente o concurso do estado, a outra fez os três concursos e conseguiu aprovação em todos, são elas Amires Câmara França da Silva e Roselane Laíza Lima Martins.

Antes da aprovação em concurso, ambas já atuavam como intérpretes de Libras em escolas e também no CAS através de um contrato com a Secretaria de Educação do Estado. A prova foi relativamente bem feita, tanto da prefeitura quanto do estado, entretanto a da UFMA nem tanto, pois o que pesava mais não era o conhecimento em Libras e sim outros conhecimentos.

Nem a prefeitura nem a UFMA fizeram prova prática, uma vez que exigiram Prolibras. Entretanto o Estado, como colocou o Prolibras apenas para contar pontos na prova de títulos, fez prova prática que nas palavras de Roselane:

“foi uma avacalhação muito grande, porque o vídeo trabalhado na prova era o vídeo que se trabalhava no CAS nos cursos de Libras, que era do Libras em Contexto e esta informação vazou no primeiro dia de prova, as pessoas difundiram no primeiro dia e teve gente que chegou no último dia para fazer a prova com todos os vídeos decorados e essa palhaçada aconteceu”.

Já Amires afirma que: “como intérprete de Libras, o que mais importa é a prática na sala de aula, é a agilidade, a intimidade que ele tem com a LS, acredito que deveria ter ocorrido na ordem invertida, ou seja, ter primeiro a prova prática para depois a teoria”.

As preparações para fazer a prova, de acordo com Amires e Roselane, aconteceram em suas casas, com estudos individuais de acordo com suas disponibilidades de tempo, até porque não tinha aonde buscar a formação específica. Quanto à primeira experiência após o concurso, para Amires nada mudou, uma vez que já atuava como intérprete na sala de aula. A mudança que ela percebeu foi quanto ao respeito ao profissional intérprete depois do concurso. Para Roselane, inicialmente foi tranquilo, chegou em uma escola em que a aluna surda tinha passado o ano todo sem intérprete e conseguiu desenvolver um bom trabalho. Porém, posteriormente, faltou a organização da escola, pois além de um número grande de surdos por sala, havia surdos que não eram alfabetizados. Na UFMA, Roselane não foi logo para a sala

de aula, primeiro foi fazer trabalho administrativo, pois tinham duas intérpretes contratadas. Pelo Estado, não trabalhou em sala de aula, ela sempre fez parte da equipe de formação do CAS.

A função de intérprete, é parcialmente definida, pois falta um pouco mais de esclarecimento aos gestores das escolas. O concurso realizado para TILS, com exigência em alguma licenciatura e, colocar os intérpretes no mesmo patamar que os professores foi um grande avanço na profissão. Faz toda diferença estar no mesmo nível que os professores, ter os mesmos direitos e a mesma carga horária. O profissional é visto com outros olhos.

Conclui-se que o desenvolvimento da atividade de interpretação em São Luís do Maranhão está diretamente ligada ao seu início e que só chegou ao nível atual porque dispôs de pessoas que lutaram para que a atividade se tornasse profissão. Sabe-se que a profissão ainda precisa crescer mais, entretanto, ao comparar com o início, aonde a Libras não era considerada língua, e que o intérprete era um simples voluntário, já teve mudanças significativas. O último capítulo vai mostrar os avanços da profissão de intérprete de Libras na capital maranhense.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início das atividades de interpretação no Maranhão se deu através de pessoas que aprenderam a língua de sinais e sentiram a necessidade de compartilhar seus conhecimentos e também pela missão de levar a palavra de Deus às pessoas surdas. Começou de forma altruísta, voluntária, sem pretensão de transformá-la em profissão. Entretanto, a necessidade de comunicação expandiu-se e, com ela, houve a necessidade de pesquisas, estudos e formação na área.

Esta pesquisa se propôs então, a investigar como se deu o início da atividade de interpretação da Língua Brasileira de Sinais em São Luís do Maranhão e, posteriormente, a sua profissionalização. O objetivo do estudo foi registrar a trajetória deste profissional, coletando relatos de pessoas que fizeram parte da construção desta profissão, a fim de identificar as dificuldades enfrentadas pelos intérpretes, bem como as conquistas alcançadas.

A realização de várias entrevistas foi crucial para o desenvolvimento e conclusão do trabalho, pois esta etapa proporcionou novos dados e conhecimentos acerca da história do Intérprete de Libras em São Luís do Maranhão, assim como momentos de contato e interação com precursores de todo o processo de profissionalização do TILS, foi uma experiência ímpar e riquíssima.

Ao corpo acadêmico, o presente estudo deixa como contribuição a possibilidade de ser utilizada como referencial teórico para novas pesquisas e uma gama de informações aos novos profissionais que desconhecem a trajetória da sua profissão no estado, com o intuito de desenvolver a valorização da história de lutas, dificuldades e conquistas. Analisando atentamente os relatos e lembranças de cada entrevistado, foi possível entender que lutas são necessárias para conquistas permanentes.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que houve muito empenho de algumas pessoas para que a Língua de Sinais se desenvolvesse no estado e com ela, a profissão de intérprete de Libras. Teve início na Igreja Batista como atividade que levava ao surdo a mensagem do amor de Deus, com o passar do tempo, foi para a sala de aula, ali começou a ser remunerada, aos poucos, através de lutas dos intérpretes juntamente com a comunidade surda, foi legalizada como profissão. Atualmente o intérprete tem vários espaços para sua atuação, como no âmbito religioso, educacional, jurídico, saúde, política, artístico, cultural, enfim onde o surdo estiver inserido, ali também haverá a presença do TILS.

O campo educacional ainda é o mais requisitado e no Maranhão vários concursos foram abertos com vagas para intérprete de língua de sinais em todas as esferas, proporcionando oportunidade de trabalho para muitos destes profissionais. Estes concursos representam a maior conquista para a profissão, tendo em vista que alguns anos atrás, havia apenas contratos que desrespeitavam em muito a figura do intérprete, com carga horária exaustiva, salários ínfimos, ausência de revezamento, impossibilidade de licença saúde, indisponibilidade de crescimento na carreira.

Desse modo, conclui-se que os profissionais que trabalham hoje na prefeitura e no estado ainda têm uma condição de trabalho bem mais favorável em comparação aos que trabalham na esfera federal, tanto que até chamou a atenção de vários profissionais de outros estados, uma vez que são concursados no cargo Professor Intérprete, ou seja, são equiparados aos demais professores e assegurados pelo Estatuto do Magistério. Assim, têm os mesmos direitos que os professores, os mesmos salários e a mesma carga horária de trabalho, que já não é mais exaustiva, dando-lhe possibilidade de formações continuadas e demais direitos.

Os profissionais que trabalham na esfera federal são concursados como técnicos, o que lhes atribui bem mais obrigações, sem possibilidade de crescimento dentro do cargo, entretanto, ainda assim, representa uma grande conquista para os estes profissionais. Vale ressaltar ainda que os intérpretes estão também inseridos em algumas escolas e faculdades da rede privada em São Luís do Maranhão e são contratados sob a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT.

Como já foi dito, atualmente o intérprete atua em vários espaços. Em São Luís, esta diversidade é crescente, e é possível contar com a presença deste profissional em diversos eventos, como por exemplo em seminários, congressos, debates e campanhas políticas, em sessões na Assembleia Legislativa, em hospitais (ainda com pouca frequência), na área jurídica, enfim, o intérprete está em muitos eventos abertos ao público. Entretanto, dentre todos os eventos, o que mais chama a atenção e que realmente mostra um diferencial, hoje, é que o Intérprete de Língua Brasileira de Sinais atua também em espetáculos teatrais, danças, shows, enfim, a eventos voltados à arte, à cultura e ao lazer. Sem deixar de citar também as mídias, principalmente as redes sociais, espaço bem utilizado para garantir uma maior visibilidade tanto da língua de sinais quanto da sua atuação. Todos estes espaços ocupados

pelo TILS servem como prova da importância e valorização que este profissional tem recebido.

Fotografia 11. Maria Rita interpretando um show de chorinho



Fonte: Zeqroz Neto (2018)

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DO MARANHÃO. **Enapilma 2011**. Disponível em <<http://apilma.blogspot.com/2011/09/enapilma-2011.html>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

BRASIL. “**Lei Nº 10.436, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências de 24 de abril de 2002**”. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

_____. “**Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**”. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

_____. “**Lei Nº 12.319, Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS de 1º de setembro de 2010**”. Brasília 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2018.

CENTRO DE ENSINO E APOIO À PESSOA COM SURDEZ PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA COSTA ARCANGELI. V **Seminário CAS**. Disponível em: <<http://casmaranhao.blogspot.com/2008/01/>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE SOROCABA. **Edital 01 / 2008**. Concurso Público para provimento de vários cargos. Disponível em: <<https://www.pciconcursos.com.br/concurso/camara-de-sorocaba-sp-16-vagas>> Acesso em 05 de dezembro de 2018.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal D. Manuel I**. disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf> Acesso em 02 de setembro de 2018.

COUTINHO, Denise Maria Duarte “**O intérprete de Libras – um olhar sobre a prática profissional: rever o passado, olhar o presente para pensar no futuro**”.Rio de Janeiro, 2000.

DIAS, Walquíria Pereira da Silva. “**Travessias e Resistências: Práticas de Subjetivação do Sujeito Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa nos documentos oficiais**”. São Luís, 2018.

EXAME NACIONAL DE CERTIFICAÇÃO DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. **Relação dos aprovados Prolibras 2006 São Luís**. Disponível

em: <http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2006/resultado_final/veadcan13_19.html>. Acesso em: 18 de outubro de 2018.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIA-INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS. **Nota Técnica Nº 01/ 2017 – A atuação do tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras e Língua Portuguesa em materiais audiovisuais televisivos e virtuais.** Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3eZNKrWC6hcWS1HUI9rU0tOT1k/view>>. Acesso em 15 de setembro de 2018.

GIL, Antonio Carlos. **“Como elaborar projetos de pesquisa”**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. **“Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades”**. RAE-Revista de Administração de Empresas, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 57-63, mar. 1995. ISSN 2178-938X. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38183/36927>>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **“Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos”**. Cadernos de Educação (UFPEL), v. 36, p. 133-153, 2010. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/06.pdf>>. Acesso em 02 de setembro de 2018.

LIMA, Claudiana. **“Tradutor intérprete de língua de sinais: quais foram as evoluções na formação destes profissionais”**. 2016

MARANHÃO. **Edital 01/2009**. Concurso Público para Cargos de Professores da Educação Básica (Ensino Fundamental, Ensino Regular e Educação Especial) Secretaria de Estado da Administração e Previdência Social. Disponível em: <<https://www.pciconcursos.com.br/concurso/seduc-secretaria-estadual-de-educacao-ma-5320-vagas>>. Acesso em 03 de setembro de 2018.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **“Tradutor e intérprete de língua de sinais educacional: desafios da formação”**. *Belas Infêis*, v. 5, n. 1, p. 147-163, 2016.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. **Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação** Inf. Inf., Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/18705/pdf_43>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

PAGURA, Reynaldo. **“A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores”**. *DELTA* [online]. 2003, vol.19, n.spe, pp.209-236. ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000300013>>. Acesso em 03 de setembro de 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PIRES. **Edital 01/2006**. Concurso Público para o preenchimento de diversas vagas e as que vierem a vagar, de seu quadro permanente de

pessoal, sujeitas ao regime jurídico único dos funcionários públicos do município de Ribeirão Pires. Disponível em: <https://questoes.grancursosonline.com.br/edital/prefeitura-de-ribeirao-pires-sp-2006-2007-moura-melo-consultoria-em-recursos-humanos-ltda>> Acesso em 05 de dezembro de 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. **Edital 001/2007, de 21 de dezembro de 2007.** Concurso Público para Provimento de Cargos Efetivos e Formação de Cadastro Reserva do Quadro de Pessoal da Secretaria Municipal de Educação de São Luís/MA. Disponível em: <https://www.pconcursos.com.br/concurso/prefeitura-de-sao-luis-ma-4119-vagas>>. Acesso em 03 de setembro de 2018.

QUADROS, Ronice. Muller de. **“O tradutor e intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa”**. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC e SEESP, 2004.

_____. **“Estudos Surdos III”**. Editora Arara Azul, Petrópolis, 2008.

QUIXABA, Maria Nilza de Oliveira. **“O ensino da Língua de Sinais Brasileira como possibilidade de inclusão sócio-político-cultural das pessoas surdas no sistema público estadual de ensino de São Luís – MA”**. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). 2011. Disponível em: <http://www.linguagemidentidades.ufma.br/publicacoes/pdf/Artigo%20Maria%20Nilza.pdf>>. Acesso em 02 de setembro de 2018.

ROCHA, Valquíria Brito da. **“A atuação do intérprete de Libras em escolas no Brasil: processos históricos”**. Pesquisa Monográfica. Maringá, 2013.

ROSA, Andrea da Silva. **“Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete”**. Dissertação (Universidade Estadual de Campinas, faculdade de Educação UNICAMP) Campinas, 2005.

SANTOS, Ozivan. Perdigão. **“Travessias Históricas do tradutor/intérprete de Libras: de 1980 a 2010”**. Revista do Difere - ISSN 2179 6505, v. 2, n.4, dez/2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/RegisterToDownload#Download>>. Acesso em 09 de setembro de 2018.

SILVA, Ronaldo Quirino da. **“Intérprete de Libras No Ensino Superior: Agente/Educador Transformador no Processo de Ensino Aprendizagem de Alunos Com Surdez”**. Dissertação de Mestrado em Distúrbios da Comunicação da Universidade de Tuiuti, sob a orientação da Dra. Ana Cristina Guarinello. Paraná, 2016. <[Arquivo da Dissertação \(.pdf 847KB\)](http://www.acessibilidadeinclusao.com.br/producoes/dissertacoes-e-teses/), <http://www.acessibilidadeinclusao.com.br/producoes/dissertacoes-e-teses/>>. Acesso em 02 de setembro de 2018.

SILVA-REIS, Dennys; MILTON, John. **“História da tradução no Brasil: percursos seculares”** Porto Alegre, 2016.

SOUSA, Danielle Vanessa Costa. **“Interpretação Libras/Português: uma análise da atuação dos tradutores/intérpretes de libras de São Luís”**. Revista Littera, v. 1, nº 1, jan – jul 2010.

SOUZA, Raquel Nascimento de. **“O Tradutor e Intérprete de Libras no Contexto Educacional no Nível Superior: Atuação na Universidade Federal do Pará”**. São Luís, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188393>>. Acesso em 25 de setembro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Edital GR 1/2009, de 16 de janeiro de 2009**. Concurso Público para Pessoal Técnico-Administrativo em Educação. São Luís – MA. Disponível em: <<http://www.ufma.br/editais/arquivos/concurso190109.pdf>>. Acesso em 03 de setembro de 2018.

APÊNDICES

Apêndice 1

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS

Para Valéria Ewerton e Irene Cabral

- 1- Como você aprendeu Libras e por quê?
- 2- Você recebeu alguma formação ou treinamento em tradução ou interpretação na época?
- 3- Onde você iniciou sua atuação como intérprete? E o que levou você a torna-se uma intérprete?
- 4- Há outras áreas em que você atuava como intérprete?
- 7- Quais eram suas dificuldades no início de sua atuação profissional?
- 8 - Você pode contar algumas situações interessantes que aconteciam naquela época?
- 9- Você é umas das pioneiras na interpretação de Libras em São Luís. Como você vê o passado, o presente e o futuro dessa profissão?

Para as Igrejas Getsêmani, PIB e São Pantaleão

- 1- Como e quando começou o trabalho evangelístico/social com surdos em sua comunidade religiosa?
- 2- Havia cursos de Libras? E cursos de formação de intérpretes?
- 3- Outros serviços eram oferecidos à Comunidade Surda?
- 4- Os intérpretes de sua comunidade atuam também em outros espaços como intérpretes?
- 5- Alguns dos intérpretes pioneiros de sua comunidade religiosa continua ainda hoje a atuar como intérpretes de Libras?
- 5-Atualmente a igreja ainda dispõe do serviço de interpretação durante as celebrações?

Para fundadores da APILMA

- 1- Conte-nos a história da APILMA?
- 2- Quais as atividades a APILMA realizou em São Luís?
- 3- Quem compôs as diretorias?
- 3- O que levou à desativação da Associação? Há planos para reativá-la?

Para o CAS

- 1- Como e quando os trabalhos voltados à formação do intérprete tiveram início?
- 2- Quais as exigências que o intérprete deve obedecer para ingressar no curso de formação?
- 3- Como é a formação de intérpretes oferecida pelo CAS?
- 4- Além dos cursos, quais outras atividades voltadas aos tradutores e intérpretes de Libras o CAS já realizou ou realiza?

Para aprovados na 1ª edição do Prolibras

- 1- Como foi sua preparação para as provas objetiva e prática?
- 2- Esta certificação foi relevante para você?
- 3- Conte um pouco sobre este momento.

Para aprovados no 1º concurso para TILS

- 1- Como foi sua preparação para as provas objetiva e prática?
- 2- Você já atuava profissionalmente como Intérprete antes do concurso? Onde? Que tipo de contrato?
- 3- Qual sua opinião sobre a prova?
- 4- Você participou de alguma formação específica antes do concurso?
- 5- Como foi sua primeira experiência em sala de aula já como concursado?
- 6- Sua função e atividades estão bem definidas na escola onde você trabalha?
- 7- A realização de concursos para TILS (com licenciatura?) é positiva ou negativa na sua opinião?

Apêndice 2

Aprovados no Prolibras 2006

MEC/INEP - UFSC

PROLIBRAS - Exame Nacional de Certificação na LIBRAS

LOCAL: SÃO LUÍS

CERTIFICAÇÃO: Proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa/LIBRAS

CATEGORIA: Ouvintes fluentes em LIBRAS, com escolaridade de nível superior

Inscrição	Nome
53847	ANDREA REJANE MELO BRITO
53860	LEA CRISTINA FERREIRA SANTOS

LOCAL: SÃO LUÍS

CERTIFICAÇÃO: Proficiência em tradução e interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa/LIBRAS

CATEGORIA: Ouvintes fluentes em LIBRAS, com escolaridade de nível médio

Inscrição	Nome
52922	ANGELINA FREITAS
54041	CESAR RAFAEL RAMOS DOS SANTOS
53877	ELINE ROCHA TEIXEIRA FERNANDES
51337	IRLAN MARCOS CERQUEIRA SANTOS
53864	JOSANE OLIVEIRA MONROE
55733	LUCILIA DA CONCEICAO SILVA
54527	ROSELANE LAIZA LIMA MARTINS

Apêndice 3

Roselane Laíza Martins responde sobre Prolibras

Rita: Como foi sua preparação para as provas objetiva e prática?

Roselane: Essa preparação Rita Eu nem me lembro, acho que foi muito do curso que eu tinha feito aqui no CAS, na convivência que eu tinha. A gente não sabia exatamente como ia ser a prova, porque era a primeira edição, a gente não tinha um parâmetro de como seria essa prova, que no caso foi complicado porque eram sinais do Sul que era um pouco diferente do nosso, mas nada que fosse desesperador. Mas não teve assim, não tinha onde se preparar a gente não tinha se preparar, a gente não tinha um parâmetro para essa primeira edição e a prática foi a sorte e foi também uma preparação psicológica também, por que a primeira vez que a gente fazia uma prova que era filmada, então isso tudo essa experiência foi muito gratificante, porque a gente não tinha parâmetro gente não usava isso aqui. Nenhum tipo de prova só sinalizada e nem as provas filmadas, práticas. Então foi diferente não teve uma preparação específica.

Rita: Eu acredito assim que a objetiva contou um pouco com a sorte foi conhecimento e foi um pouco de sorte, mas eu acho que a prática não! Porque ou você interpretava ou você não interpretava. Ou você parava ali e ficava estagnada e aí perdia informação.

Roselane: Muita gente aconteceu isso. Eu lembro que nesse ano eu fui para o Rio de Janeiro no Encontro do INES, nessa época de setembro e o Prolibras foi em outubro ou novembro. Então, foi eu e um grupo de surdos, eu, o Márcio, Cláudio, Telasco a gente foi para o Rio de Janeiro e foi passear um dia pelas praias Copacabana, Cristo Redentor e tal... Tudo ótimo, quando eu chego para fazer a prova do Prolibras, muitos sinais que a gente não conhece, eu não conhecia nem os sinais de praias aqui de São Luís. Aí eu lembro que o meu texto era sobre as praias aí tinha falando sobre o Rio de Janeiro e os pontos turísticos aí ele falava Copacabana, Botafogo, Ipanema. Meu Deus até que eu faça toda essa datilologia, porque eu não lembrava de sinais então, eu coloquei várias praias foi a maneira que eu me saí. Mas isso já era o que? Uma técnica que a gente tinha até inconsciente, porque a gente sabia que fizesse datilologia iria se perder na datilologia e não parava era uma coisa assim uma vez, pronto e acabou.

Rita: Depois ainda ficou mais fácil por que você olhava e repetia, mas a primeira realmente foi difícil

Roselane: Foi punk, foi difícil! Mas foi satisfatório porque diziam que aqui no Maranhão não ia ter inscrito. É tanto que a Universidade Federal aqui no Maranhão era a única federal que não tinha, e a gente fez na UEMA, muitas pessoas inscritas e muitas pessoas passaram, então foi também importante isso para a gente naquele momento e para mostrar que a gente tinha gente aqui sim capaz e competente para fazer.

Rita: E a certificação, ela foi relevante para sua atuação?

Roselane: Foi! A gente tinha muitas discussões sobre o Prolibras, porque quem não passava, não sabia Libras e também não aceitava, desmerecia o Prolibras e a gente sabia que muita gente que fez a prova que não passou sabia língua de sinais, mas teve por um motivo ou outras situações de não passar, eu também fiquei reprovada duas vezes.

Mas tudo bem então, a relevância era essa: mostrar. Teve até por exemplo o concurso da UFMA que foi só para quem tinha Prolibras, o da prefeitura que foi o ano seguinte 2007/2008 tinha que ter Prolibras, então se não tivesse Prolibras não ia. Então pra mim, foi relevante sim, nesse momento que eu acho que não deveria ter acabado.

Rita: Não deveria ter exigência no começo.

Roselane: E teve! E isso funcionou por que evitou que muita gente entrasse sem fluência, por exemplo, a equipe que entrou na prefeitura no primeiro concurso, todos eram fluentes, era eu, Ana Célia, Irlan, Jaquelma e Kélcia, então todo mundo era fluente, não tinha como aconteceu no estado quando não foi exigido o Prolibras. Na UFMA também só quem tinha experiência Léa, eu, Andréa, Lícia, César, Ana Zilda, então era só quem tinha experiência. E hoje, não. Hoje exige-se o Prolibras e a pessoa chega lá dizendo que tem dois anos como intérprete, na situação que a gente conhece algumas intérpretes e ele passa e o que acontece quando ele passa? Ele chega na sala de aula e já teve caso de pessoas não acompanhar o ritmo, de não conseguir porque não é tão fácil quanto as pessoas pensam, não é fácil, não é simples.

Rita: Participou de outras edições?

Roselane: Sim 2007 e 2008 nas duas obtive aprovação.

Rita: Para essas, teve alguma formação?

Roselane: Aí já teve o aulão, teve 2 aulões ou 3. A gente se reunia e pegou para 2007 ou 2008 a prova e a gente revisava as provas, a gente discutiu a objetiva, a prática não, porque não tinha acesso, teve uma vez que a gente fez assim quem passou para prática do ensino a gente tentava montar o plano de aula e a pessoa dava uma micro aula e interpretação fazia tipo oficinas a gente fez isso acho que uma edição, mas o aulão era muito legal teve edições que a gente teve umas 50 pessoas muita gente e era legal porque a gente sentava os surdos também participavam com a gente e era importante porque não tinha uma formação específica e estar junto com eles, às vezes a gente não entendia e eles entendiam e ajudavam bastante. O Prolibras também ajudou a gente quando chega o vestibular da UFSC, a gente já tinha experiência sobre isso, então de certa forma ficou muito mais prático, quando chega o concurso do estado que teve a prova prática a gente já estava mais experiente e foi uma dinâmica que até a gente implantou nos cursos de libras, essa questão de filmar as apresentações, de discutir sobre elas, assistindo o vídeo, gravar essas informações. Por que era uma das maneiras que a gente tinha para que o nosso aluno rompesse as barreiras da insegurança, porque tem gente que tem muito medo de câmera e nessas situações ela tinha que aparecer, tinha que ser filmado e não tinha para onde correr.

Josane responde sobre o Prolibras

Rita: Como foi sua preparação para as provas objetiva e prática?

Josane: Para a prova objetiva estudei bastante, pois tinha material, mas para a prática não tive muito preparo, pois não tinha noção de como era, então fui mais com o conhecimento adquirido mesmo.

Rita: Esta certificação foi relevante para você?

Josane: Muito relevante, pois abriu muitas portas como concurso da prefeitura, que um dos pré-requisitos era ter o Certificado. E deu um reconhecimento maior ao meu trabalho.

Rita: Conte um pouco sobre este momento

Josane: A prova objetiva foi mais tranquila, pois já estava acostumada a esse tipo de prova, mas a prática por não saber se o meu conhecimento em Libras era o bastante, fiquei nervosa e apreensiva

Apêndice 5

Igreja Getsêmani Com Kélcia Alexandra Taylor

Rita: Como, quando e porque começou o trabalho evangelístico e ou social na sua comunidade religiosa?

Kélcia: Foi no ano 1985 quando um casal de missionário e a sua filha, que foi a família Broughton, vieram para São Luís de Campinas, a Lois Broughton, ela ministrou um curso na época chamado curso de mímica e na verdade era uma oficina, onde 16 jovens participaram e dentre esses jovens, a Valéria Ewerton, que tinha 17 anos de idade participou desta oficina e a partir desse momento, ela começou a ter o desejo de começar esse trabalho de levar a palavra de Deus através da língua de sinais para os surdos. Eu lembro que na época de acordo com a própria fala dela, ela era funcionária de um banco e que chegou a deixar o trabalho dela para se dedicar completamente a este trabalho de evangelização e na época também, ela conheceu um surdo que era o Antonio Carlos, aí eles começaram a visitar vários surdos na época, que era assim que eles se encontravam, assim eles conheciam a casa de um e de outro e ela começou a fazer os trabalhos junto com ele e aí em 1987 oficialmente surgiu o ministério com surdos chamado SOM - Surdos Ouvindo a Mensagem e o que eles faziam era levar os surdos para igreja, evangelizava através da Libras usando a palavra de Deus, todas as atividades que tinham na igreja, os cultos, eles participavam a Valéria passava em língua de sinais e ela começou a treinar outros inclusive ministrando oficinas dentro da igreja. Com o passar dos anos é que o trabalho começou a desenvolver, a crescer, a língua de sinais começou a ser vista como língua. Na igreja foi dessa forma que começou o trabalho, começou a ser desenvolvido dessa forma até ela ficou ainda uns três anos e após a questão do casamento ela deixou a liderança do ministério para Lea Cristina Ferreira Santos e foi a pessoa que deu continuidade ao trabalho que ficou praticamente mais de 18 anos ainda com Ministério antes de passar para outras pessoas.

Rita: Havia cursos de Libras? E cursos de formação de intérpretes?

Kélcia: Sim, mas na época não era assim o curso, era tipo oficinas, logo no início eram oficinas só para ensinar os irmãos da igreja, algum familiar de surdo que ia. Eu lembro que nas fotos que eu estava pesquisando tinham muitos adolescentes, o Irlan por exemplo, naquela época estava com 13 anos, a Lea estava nessa faixa etária de 14 anos, muitos jovens e

adolescentes estavam envolvidos, na verdade eles eram muito jovens, a Valéria tinha 17 ou 18 anos na época em que começou. Naquele tempo eram oficinas, essa roupagem de curso de Libras de 120 horas, começou de 2009 pra cá. Naquela época não era assim curso, eles vinham e se reuniam, treinavam conteúdo por exemplo o culto, treinavam, tinha aquele momento de troca, mas não era um curso voltado. Agora, esse ano de 2018, no primeiro semestre na igreja, a liderança do ministério som, teve a ideia de começar a treinar mesmo com esse foco do espaço religioso, então começou a ter oficinas, inclusive Andréa Pestana que está aqui, foi uma das professoras convidadas para ministrar aulas voltadas aos sinais bíblicos para interpretar pregações e os louvores toda essa técnica voltada para a postura do intérprete na igreja, voltado ao espaço religioso.

Rita: Outros serviços eram oferecidos à Comunidade Surda?

Kélcia: Sim, além da interpretação dos cultos e atividades na igreja, a proposta do ministério é acompanhar os surdos nas suas necessidades de comunicação fora a igreja também, se o surdo precisava se reunir com a família tinha alguma coisa para falar, então o intérprete estava lá para fazer essa mediação, consulta médica, às vezes para ter que resolver alguma situação, algum problema que necessitasse de ir no juiz, qualquer coisa que tivesse necessidade eles solicitavam e a gente agendava com eles o dia e fazíamos esse acompanhamento com eles, além da questão de orientação familiar, reunir a família para resolver alguma situação, em fim tudo que acontecia e precisava da comunicação deles com algum familiar, o ministério ajudava, dava esse suporte

Rita: Ainda faz isso?

Kélcia: Sim, até hoje por que assim, mesmo com essa liderança nós sempre tentamos manter o padrão, por que nós entendemos que o ministério hoje, apesar de ter outras coisas que nós acrescentamos aquela versão do início, mas o desejo sempre foi continuar a ideia de levar a palavra de Deus pra eles e dar o suporte e ter sempre esse relacionamento da igreja para q eles possam sentir incluídos dentro da igreja, apesar de ser uma luta muito grande pra quem vai fazer 34 anos de ministério, a maioria da igreja não sabe Libras, que é complicado, mas assim pelo menos já tiveram muitas pessoas que através deste trabalho buscaram se interessar buscaram aprender língua de sinais para interagir com os meninos.

Rita: Os intérpretes da sua comunidade religiosa atuam em outras áreas ou atuam somente na igreja?

Kélcia: Atuam em outras áreas, praticamente 80% dos intérpretes da nossa igreja atuam fora principalmente em escolas.

Rita: Alguns dos Pioneiros continuam a atuar como intérprete?

Kélcia: A primeira não atua como intérprete, ela atua na área de Serviço Social, mas a segunda que foi a Léa, além de intérprete de Libras, atua como tutora e como professora de Libras.

Rita: Atualmente na igreja ainda dispõe de serviço durante as celebrações?

Kélcia: resposta sim Quais são os serviços hoje estudo bíblico, EBD discipulado pessoal, culto ou palestra para casais, culto de louvor e adoração, quando tem discipulado só para surdos não fazemos interpretação, a não ser que tenha algum ouvinte.

Rita: Como você vê o passado, o presente e o futuro dessa profissão?

O passado, vejo com muito orgulho e satisfação, principalmente porque hoje eu faço parte desta história. Primeiro porque a nossa realidade Maranhão, São Luís está dentro do contexto histórico que a gente sempre lê, anos 80 o intérprete de Libras principalmente foi aquele que veio de um contexto voluntariado nas igrejas. É uma satisfação muito grande, porque eu sou deste contexto, mesmo tendo começado a trabalhar em 2006, então, vejo que mesmo tendo poucos recursos e acessos à informação, o contato com o surdo era muito grande e eu lembro de intérpretes que são super fluentes em Libras e que nunca fizeram curso intermediário, ou avançado.

Hoje tem vários canais e recursos tecnológicos pode ver vídeos de Libras, treinar sinal voz, tem pós em Libras, tradução, várias opções, várias formas de buscar e crescer, trocar experiências, mas sinto falta dessas trocas de experiência, sinto falta também da associação de intérprete que represente nossa categoria, que possamos sentir representados porque precisamos. A visão q tenho é que estamos muito focados em trabalho, agora é hora de produzir. Eu vejo o futuro com bons olhos porque como temos acesso a muitas informações e muitas coisa que precisamos para crescer profissionalmente, mas precisamos ter cuidado com o tipo de geração que está vindo que possamos contribuir com essas pessoas, alguns jovens

passando em concurso e são muito fluentes, mas eles não tem a nossa experiência, de passar por greves por causa de seletivo e contrato, hoje temos concurso público, mas porque lá atrás demos nossa cara a tapa, a gente brigou, se expôs. Acredito que nós, os mais experientes, precisamos chamar estes mais novos pra perto, nos aproximarmos deles para um momento de troca, para que eles possam conhecer a nossa história essa história que ajudamos a construir, eu nem tanto né, mas teve muita luta, apesar de me sentir feliz por fazer parte dela agora, olhar para o futuro, mas lembrar que a gente tem um passado, a gente não pode perder esta linha.

Primeira Igreja Batista em São Luís com Andréa Pestana e Lígia Gabriela Braga

Rita: Como, quando e porque começou o trabalho evangelístico e ou social na sua comunidade religiosa?

Gabi e Andrea: então o nosso Ministério é filho do ministério da Getsêmani começou em 89 segundo os históricos que eu achei aqui agora, teve uma missionária chamada Billy Smart que veio também fazer esse trabalho, a Valéria também foi colaboradora quando ela estava lá na Getsêmani colaborou Também com esse trabalho lá na PIB e era basicamente as mesmas coisas que ela fez lá em sua igreja, o curso de, na época, mímica para ensinar a língua de sinais e evangelização dos surdos, visita nas casas , todo esse trabalho mesmo de chamamento desse público e envolvimento na obra. E aí em 95 é entrou a Margaret como líder do ministério, Margareth Barros e depois teve a Marise Santos e teve a Camila Correia também foi ministra e eu já entrei no final da época de Margaret início da época de Camila foi quando eu comecei a me interessar pela língua de sinais eu comecei a entrar no ministério. É interessante que o ministério na PIB só teve uma roupagem independente quando Camila assumiu, que até mudou o nome que antes ainda era conhecido como Ministério SOM, alusiva ao Ministério da Getsêmani, Margarete tem todo um trabalho independente, mas eu digo no sentido do nome ainda era Ministério SOM, até hoje ainda tem muita gente que chama Ministério SOM e a gente tem que ficar falando que mudou, o nome agora é Ir-Mãos.

Rita: Havia cursos de Libras? E cursos de formação de intérpretes?

Gabriela e Andréa: Tudo por conta do ministério som, o histórico, a gente pegou essa leva de fazer oficinas também para comunidade da igreja e envolvimento com familiares, só começou a ter cursos oficial mesmo de Libras bem recente, a partir de 2008 quando a Andréa entrou chamava instrutor surdo para estar com a gente e o trabalho que era feito com as pessoas que entravam no ministério era um acompanhamento que já estavam no ministério, junta aqui vem cá, vou te ajudar, a gente não tinha ainda esse foco.

Rita: Outros serviços eram oferecidos à Comunidade Surda?

Gabriela e Andréa: Na PIB, os trabalhos que eram feitos além desses de aconselhamento, de conversa com a família, era envolvidos com parceiros da igreja, irmãos da igreja que se dispuseram na época a ensinar datilografia, então eles faziam oficina de aperfeiçoamento com os surdos encaminhamento para o mercado de trabalho, na época quando tinha aquela máquina de scanner eram treinados para tirar scanner também com este encaminhamento para o mercado trabalho e alguns surdos, inclusive foram para Vale, Alumar foram fazer trabalho de capacitação e encaminhamento para o mercado trabalho. Depois ofereceram também curso de computação.

Rita: Os intérpretes da tua igreja também atuam em outros espaços ou somente na Igreja?

Gabriela e Andréa: Somente três não atuam como intérprete em qualquer outra área, no caso aqui são seis, metade atua em outras áreas e metade não atua

Rita: Alguns internos Pioneiro lá da tua igreja continuam ainda hoje atuando como intérpretes

Gabriela e Andréa: Não na igreja, fora da igreja sim.

Rita: Atualmente a igreja ainda dispõe do serviço durante as celebrações?

Gabriela e Andréa: Sim, todos os sábados e domingos e EBD.

Rita: Contem alguma situação envolvendo intérpretes na atuação durante a celebração, alguma coisa inusitada, engraçada.

Gabriela e Andréa: Olha que a gente já teve que parar de interpretar porque os surdos começaram a discutir, então a gente teve que parar de interpretar e falar para eles pararem e deixar para conversar no final ou algumas coisas assim, porque não dava para a gente mediar naquela hora. Já teve o caso da gente para dar suporte para uma surda que tinha perdido a mãe

a gente pediu ao pastor e fomos na casa dela que estava sendo o velório a noite, então todos nós saímos e fomos na casa dela, ela ficou muito contente porque fazia um tempo que ela não estava indo, porque a mãe dela estava adoentada, então dando este suporte emocional teve também a visita inusitada de uma surda-cega, sem ter ninguém como intérprete-guia aí a gente teve que se virar e aprender para dar suporte para ela, foi uma experiência dolorida, pesada, porque geralmente a nossa escala, como a maioria, são surdos convencionais, ou seja, somente surdos, então a gente coloca dois na escala, atualmente nós estamos dividindo 15/15 então era mole, tranquilo. Quando ela chegou foi complicado porque como tinham 2 na escala, então um tinha que ficar o momento do culto inteiro lá, 1 hora e pouco e o outro tinha que ficar meio torto assim, sentado ao lado da surda-cega e tentando passar alguma coisa para ela, era desconfortável tanto para a gente quanto para ela, e a gente tinha muita dificuldade de fazer interpretação para ela, porque ela queria muito conversar, pois não tinha ninguém na casa dela que soubesse se comunicar com ela, então quando ela entrava em contato com alguém que compreendia ela, acabava querendo contar a vida dela inteira na hora do culto, aí a gente tinha que saber dosar.

Rita: Como você vê o passado, o presente e o futuro dessa profissão?

Gabriela e Andréa: É assim, como a gente lembra o histórico da profissão, ela começou assim bem engatinhando, bem mesmo assim, quase que como fala a palavra é assim “levando nas coxas” tendo que cobrir os buracos, eu comecei assim também. O curso de Libras que eu tive, foi uma apostila com alguns sinais desenhados, inclusive o desenhista era Telasco, eu não cheguei a conhecer Telasco, mas era desenho dele. Aí eu tinha essa apostila, eu ia olhando essa apostila e tentando reproduzir aquele sinal daquela forma e eu sempre falo quando eu estou sendo professora que não é a questão de ser difícil, é porque é preciso treino, é porque se você não treinar, você não consegue realmente, então qualquer palavra que eu olhava em outdoor eu estava fazendo datilologia para me acostumar a essa nova língua, como pronunciar essa língua, como fazer as coisas nessa língua e na realidade eu só comecei a desenvolver mais, quando entrei no curso de Letras Libras que eu senti que a minha interpretação na igreja melhorou. Na verdade até um pouco antes disso, quando eu comecei a trabalhar fora da igreja, antes ali só na igreja eu estava só em contato com aqueles surdos.

Quando eu comecei a trabalhar no meio educacional, minha interpretação melhorou um pouco, quando eu comecei o curso Letras Libras minha interpretação melhorou um pouco mais. Então, foi uma escada e hoje eu sinto que não dá para regredir a questão hoje da língua é ir para cima e para frente não dá mais para a pessoa que quer entrar no ministério, não dá para fazer só um curso de Libras básico, eu acho que para quem quer entrar no ministério tem que saber questão de interpretação da língua, questões mais profundas, porque as mensagens que são passada lá no púlpito não são mensagem simples, então são coisas que a gente precisa ter ferramentas linguísticas para sair de algumas saias justas que a gente encontra, então não dá mais para o serviço ministerial ser um serviço nas “coisas” ele tem que ser um serviço encarado de forma profissional também. Então mesmo para quem não trabalha como intérprete no meio secular que é fora da igreja, acho que tem que ser encarado de forma profissional, muitas vezes, infelizmente a gente ainda vê isso, as pessoas que acabam de fazer um curso e já são professores de Libras e já são intérpretes e não é isso. É necessário para quem vai para esse meio, para ser intérprete a pessoa tem que ter o senso, um conhecimento bem amplo das coisas, mesmo que ela interprete em várias áreas, nesse caso ela precisa saber um pouco de cada coisa, agora se ela vai se especializar, aqui na minha opinião, que a tendência é essa, a pessoa se especializar, aí que ela tem que se especializar mais.

Igreja de São Pantaleão Com Lícia Maria Cardoso

Rita: Lícia, qual é a tua igreja?

Lícia: Igreja São José São Pantaleão

Rita: Como, quando e porquê começaram os trabalhos evangelísticos e sociais com surdo na sua comunidade religiosa?

Lícia: Quando começou foi no ano de 2000 quando deu início a Pastoral dos Surdos aqui no Maranhão, porque eu não vou saber precisamente porque eu entrei alguns anos depois, quatro anos depois, então não sei como se deu esse início, mas eu acredito que foi pelo que eu ouço, vieram alguns missionários de Natal, se eu não me engano, algum estado do Nordeste, eles vieram aqui e assim foi fundada a pastoral. Esses missionários também eram católicos, já tinham trabalhos de pastoral de surdos nesse estado, então deram um tipo de assessoria para

os leigos que já trabalhavam aqui não na catequese de surdo, mas já tinha uma caminhada na igreja, já tinha um certo conhecimento assim começaram a desenvolver o trabalho deram formação e fundaram a Pastoral no ano de 2000. Então, a Pastoral de Surdo foi fundada justamente pela necessidade de um trabalho de catequese e evangelização dos surdos dentro da igreja católica é importante frisar que antes disso eu não vou saber recordar o ano certinho, mas antes na década de 80 por aí assim, houve uma tentativa de criação pastoral de surdos na Paróquia Sagrada Família do Maiobão chegou até curso de Libras as missas eram interpretadas aí a pessoa que estava frente acabou se mudando que era Jean aí eu não sei por que cargas d'água não foi para frente aí quando fui 2000 Pastoral foi fundada e se mantém até hoje.

Rita: Havia curso de Libras ou curso para formação de intérprete?

Lícia: Na Pastoral desde o início sempre teve o curso, todo ano sempre tem um curso de Libras básico, para formação de intérpretes, teve acho que uma vez só, não vou precisar ano, mas eu acho que lá para 2009 por aí, mas não foi o curso formal com certificado, com estrutura curricular, foi uma coisa bem mais restrita ao grupo que já interpretava na igreja, a questão de léxico, só para as pessoas que já trabalhavam mesmo na igreja não foi um curso formal com todos os critérios, mas o de Libras tem desde 2000 até hoje. O curso de Libras é aberto à comunidade, entretanto dá prioridade aos catequistas de ouvintes para que futuramente se tornem catequistas de surdos.

Rita: Outros serviços eram oferecidos à comunidade surda?

Lícia: O objetivo da Pastoral do Surdo é a catequese e evangelização, que os surdos sejam os próprios evangelizadores dos surdos, então o serviço que a Pastoral oferece é a catequese, o curso de Libras para as famílias dos surdos também que sempre tem, para familiares que participam da pastoral e também para aqueles que não participam. Eventualmente, quando os surdos da Pastoral pedem algum acompanhamento de intérprete para médico, para qualquer outra situação, o intérprete da pastoral que está disponível, vai, também isso aí sempre aconteceu, mas não é um serviço da Pastoral, o objetivo é formar para a catequese.

Rita: Os intérpretes da sua igreja atuam também em outros espaços?

Lícia: Sim, todos eles atuam profissionalmente também, todos como intérpretes educacionais, alguns como professores de Libras, mas todos trabalham em educação formal de surdos.

Rita: Algum dos intérpretes pioneiros da sua igreja continua ainda hoje atuar?

Lícia: Do grupo que iniciou, eram quatro pessoas uma na época era seminarista que se tornou padre e padre não tem residência fixa, às vezes tá aqui, às vezes vai para outro lugar, ele não mora mais aqui, mas os outros três permanecem até hoje, continuam a atuar.

Rita: Atualmente a igreja dispõe do serviço de interpretação durante as celebrações religiosas?

Lícia: Isso. Todos os domingos às 17:30 na Igreja São José São Pantaleão que fica no Centro e no terceiro domingo do mês a missa é em Libras e não tem intérpretes.

Rita: Não tem intérprete nesse dia, mas no caso, o intérprete não transmite para os ouvintes?

Lícia: É porque como é num horário diferente da missa da comunidade, acontece às 3 horas da tarde, então dificilmente tem uma pessoa que não seja da comunidade surda presente, mas já aconteceu, quando tem algum evento, encontro estadual, quando alguém não sabe a gente faz uma tradução bem baixinho do ladinho da pessoa, a interpretação sussurrada.

Rita: Conte algumas situações envolvendo os intérpretes na atuação na igreja.

Lícia: Inclusive, estávamos comentando ontem quando saímos da igreja, para a gente interpretar, a gente tem que ouvir e lá na igreja a gente tem um problema muito sério com retorno de som, então muitas vezes a gente não consegue entender o que o padre está falando, nem o intérprete de apoio não entende. Então isso é bem recorrente nas interpretações principalmente o pároco que está agora, ele tem a dicção não muito boa então não dá para entender nada, é uma das coisas recorrentes do nosso trabalho na pastoral.

Outra situação, como a gente se coloca sempre à disposição do surdo fora da igreja, algumas coisas que porventura eles precisem, uma vez veio um casal de surdos, o rapaz falou comigo que eu acompanhasse a namorada ao médico, porque ele queria saber se ela era virgem e ele ia e queria que eu interpretasse tudo para ele, o que o médico falasse se realmente ela era virgem porque só assim ele iria casar com ela e a menina ficava assim, e depois ela me chamou e falou que não queria para eu ir porque ela não era mais e aí e foi aquela situação. Eu

pressionada de um lado por ele, pressionado do outro por ela e para eu me sair da situação acabei dizendo que eu ia viajar e aí consegui sair da história e depois ele descobriu que ela não era mais e acabaram não se casando de fato, acho que não só por causa disso, mas foi um fator também.

Na igreja católica nós temos um rito tradicional que é em latim, antigamente todas as missas eram em latim, depois teve a reforma litúrgica e veio para a língua vernácula mas tem algumas músicas permanecem em latim e algumas orações. Estávamos na missa eu não estava interpretando nesse dia, eu estava de apoio aí lá no meio da missa o padre começou uma oração em latim a intérprete olhou para o intérprete do lado dela, porque a gente interpreta em dupla, um para fazer a voz do padre e outro para fazer a voz a comunidade, ela olhou para o lado o outro intérprete não sabia nem pra onde ia, os dois saíram aí e vai, me empurraram pra lá. Eu achei que era salve rainha, como eu já sabia salve rainha decorado eu comecei a fazer, mas só que na hora não era a salve rainha era outra oração, aí eu puxei uma oração qualquer em honra a nossa senhora e fui. Porque foi de surpresa ninguém esperava que ele ia puxar uma oração de latim bem no meio da missa, e isso são coisas que geralmente acontecem com intérprete, independente do espaço em que ele esteja atuando, vez ou outra, ele é pego de surpresa, na hora que ele está lá, acontece e ele tem que se virar nos 30 para poder resolver. Mas o engraçado é porque os dois saíram e me empurraram para lá, que eu estava de apoio e saíram e disseram “vai que é tu que sabe”, mas foi tenso, mas consegui desenrolar.

Rita: Como você vê o passado, o futuro e o presente da profissão de intérprete na igreja?

Lícia: Então, é engraçado por que eu nunca pensei em ser intérprete profissionalmente, meu objetivo quando aprendi Libras era ser intérprete apenas da igreja, na esfera religiosa, mas acabou que surgiu. O fato que me toca no trabalho na igreja, as pessoas se aproximam por que os cursos são gratuitos, não tem nenhum tipo de ônus, as pessoas se aproximam aprendem língua de sinais e abandonam os serviços da igreja, arrumam um trabalho arrumam um contrato e abandonam o serviço na igreja. Como eu estou lá desde 2004 Eu já vi isso acontecer muitas vezes, as pessoas chegam cheias de boas intenções, querem aprender, querem interpretar na igreja e vão interpretar com surdos eventualmente, quando eles precisam, mas depois que aprendem, se apropriaram da língua e da cultura, deixam a Pastoral, deixam o surdo e não continuam com os trabalhos. Eu penso, eu espero que no futuro o grupo

de intérpretes consiga crescer, porque está um número bem restrito hoje, cinco pessoas frequentes e algumas que vão esporadicamente que para o futuro cresça e que realmente se comprometa, porque compromisso maior no trabalho dentro da igreja é com Deus, que as pessoas realmente se conscientizem nesse trabalho que possam utilizar o dom da interpretação para a catequese e evangelização para o serviço para Deus.

Apêndice 6

Roselane Laíza sobre o Concurso

Rita: Você já atuava profissionalmente como Intérprete antes do concurso? Onde? Que tipo de contrato?

Roselane: Quando teve o concurso da prefeitura eu já trabalhava como contratada do Estado, então meu primeiro contrato foi em 2004 mas foram três meses, mais ou menos. Em 2005 eu comecei a trabalhar contratada, mas eu não trabalhava nas escolas eu só trabalhava no CAS, aí fui fiz o concurso da prefeitura aí passei, então trabalhava sim trabalhei uns 3 ou 4 meses no ensino médio e depois, não era nenhum contrato formal, foi só um negócio lá que eu acho que nunca nem recebi esse dinheiro e quando eu fui para a prefeitura eu trabalhava como intérprete aqui no CAS, então já era o contrato mais formal a gente já tinha esse contrato formalizado nessa época que 2004 não tinha.

Rita: Qual sua opinião sobre a prova?

Roselane: A prova para prefeitura foi uma prova relativamente bem feita, agora para o concurso do estado também mas e a prova da UFMA, na verdade o que pesava não era a questão de conhecimento em Libras, mas sim dos outros conhecimentos, outros temas. Isso tirou muita gente, porque a pessoa sabia a língua de sinais, atuava como intérprete não se preocupou em estudar o português também. Tinha às vezes atualidades e também português e pesava era para um curso normal, então a língua de sinais foi importante, mas não foram provas tão difíceis, o que tirou muita gente foi a questão das outras provas não a de Libras. A prova prática do estado é que foi muito avacalhão muito grande, porque o vídeo trabalhando na prova era o vídeo trabalhado aqui no CAS no curso de Libras que era o Libras em contexto e essa informação ela vazou no primeiro dia de prova as pessoas, eu não sei nem onde vem esses pensamentos ligavam, difundiram logo no primeiro dia que eram vídeos do Libras em contexto Teve gente que chegou lá no último dia de fazer a prova com os vídeos todos decorados e isso foi a palhaçada que aconteceu. Eu cheguei, e era um vídeo que eu tinha trabalhado no curso porque era formadora do básico e eu trabalhava em sala de aula a gente trabalhava aqui esses vídeos então a gente que tinha praticamente acabado de trabalhar com

os alunos e na prova sinal voz/voz sinal eles me deram um texto para ler e na hora da apresentação era outro vídeo aí eu fiz a prova contando e avisei: o texto que vocês me deram é diferente do texto que está no vídeo aí eles disseram: nossa.

Rita: Você participou de alguma formação específica antes do concurso?

Roselane: Para o concurso da prefeitura eu estudei sozinha, para o concurso do estado vou te dizer que eu não estudei, porque eu já estava na prefeitura um tempo, da UFMA também eu fiz assim. para eu vir para o estado como eu estou agora, eu não estudei, porque eu só fiz a prova porque o Claudio ia fazer a prova também e eu disse vou ter que fazer a prova junto com ele para ele estudar. Acabou que eu passei e ele não passou. Aí não teve assim, eu não parei para estudar até porque era muita coisa que eu estava fazendo, eu já estava na UFMA, na verdade, já não era tão fácil e a ideia não era voltar para o estado, voltar para o estado com o concurso foi uma parte super forçada da Cleomar, que ela insistiu. Eu passei, fiz a prova tudinho e eu não iria assumir e ela disse Rose assume porque eu quero que tu venha para o CAS trabalhar com a gente na questão de formação e etc. E aí eu desgostei muito da Prefeitura e larguei tudo tem problema não.

Saí da prefeitura, na época eu já estava quase três anos, já estava terminando no estágio probatório. Então não tinha nenhuma formação específica, a minha primeira experiência quando eu cheguei na prefeitura quando eu fui para sala de aula e peguei uma aluna surda que estava no sétimo ano, isso foi no final de agosto de 2007 ou 2008, quando eu cheguei, ela tinha passado o ano inteiro sem intérprete, estava lá. Inicialmente foi tranquilo, mas depois a situação em que a gente tinha de organização, de estrutura da escola que foi a dificuldade, as salas com muitos surdos, os surdos que não tinham não eram alfabetizados, que não conheciam nada, estavam lá no 6º, 7º ano e não sabiam nem escrever o nome, isso era uma dificuldade imensa no trabalho com eles. Quando eu fui para a UFMA, logo que passamos não fomos para a sala de aula, eu comecei em junho de 2009, (este ano fez 9 anos, já vou fazer 10 anos na UFMA) quando a gente chegou na UFMA a gente não foi para a sala de aula, a gente foi fazer trabalho administrativo porque tinham 2 intérpretes que trabalhavam em sala de aula que eram contratadas como professoras, que foi uma conquista da APILMA. A APILMA intermediou a contratação dessas pessoas que tinham Prolibras, na época precisava de intérprete tem que ter Prolibras de ensino superior, elas eram algumas das pessoas que tinham Prolibras do ensino superior para tradução e interpretação e foram contratadas, então elas ficaram de 2008 até outubro de 2010 atuando em sala de aula, e só em outubro de 2010 depois da lei que oficializou a profissão de intérprete que nós fomos para sala de aula. Eu fui acompanhar o Curso de Ciências Contábeis, com o surdo Antonio Hercles de 2010 a gente foi

até 2014. Ele já estava na metade do curso, se não me engano, e a gente finalizou o curso com ele e depois fui para Farmácia e hoje eu estou em Farmácia com um aluno. É diferente a dinâmica, mas não é diferente o surdo em si, o público é igual ou pior do que o ensino fundamental, em alguns casos que infelizmente. Nós temos alguns casos de surdos na academia que são bons, mas temos muitos que deixam muito a desejar e às vezes uma situação muito pior do que no ensino fundamental em questão de conhecimento da Língua de Sinais, da Língua Portuguesa e de conteúdo. E no estado não fui para a escola mais depois que eu passei no concurso, desde 2010 eu vim direto para o CAS. Eu atuo como intérprete em eventos, já no curso às vezes como eu fui logo também para a coordenação dos cursos de libras no meu trabalho aqui durante esse ano foi mais ou menos isso de formadora e coordenação esse semestre eu parei com a formação, de ser professora para o ajudar no Projeto Comunicas, a gente está fazendo o registro dos sinais do Maranhão, elaborando material e não tinha condição de ficar com as duas coisas, como tentei fazer no semestre passado. Aí nesse semestre eu fiquei só com um projeto.

Rita: Sua função e atividades estão bem definidas na escola em que você trabalha?

Roselane: Quando a gente chegou na prefeitura, foi direto para a sala de aula e naquela época eu estava em efervescência política eu tinha consciência do que eu iria fazer, quando a gente foi para UFMA não, a gente foi trabalhar no administrativo como eu falei depois para sala de aula, e ficou até um tempo assim, a gente trabalhava no administrativo e em sala de aula e eu falei: “epa, não é isso! Quer dizer eu não posso tirar férias como professor de 45 dias mas só posso tirar férias quando os professores estão de férias? eu não ganho como professor, mas tenho que estar nos horários deles, 7 horas da manhã, 1 hora da tarde, 10 horas da noite?” então a gente tem uma dinâmica diferente lá, hoje tem esse papel mais claro do que a gente tinha, e aqui no CAS, na sala de aula a gente tinha sempre uma dinâmica de quem estivesse como formador, fosse menos exigido para interpretações fora, porque tem pessoas que só interpretam. Então, em último caso eu iria para interpretação fora do CAS, mas aliás aconteceram algumas vezes.

Rita: A realização de concursos para TILS (com licenciatura?) é positiva ou negativa na sua opinião?

Roselane: A realização do concurso, a gente já até falou nisso, no molde que ele é com a licenciatura como exigência, eu acho que a gente ganha. É positivo por que é basicamente intérprete educacional, agora além da licenciatura a gente poderia exigir mais da língua de sinais, das técnicas de interpretação, porque também saber só Libras não significa ser

intérprete, eu acho que a gente poderia exigir mais isso. Quando a pessoa tem licenciatura, ela tem uma visão diferente do que é, mas fazendo uma comparação muito esdrúxula do professor, tem curso por exemplo que é só bacharelado, Nutrição é só bacharelado, quem dá aula no curso de Nutrição? Os professores que são formados em Nutrição, eles não têm formação pedagógica, então isso dificulta muito, é um dos exemplos a gente sentiu isso em Ciências Contábeis, os professores são bacharéis em contabilidade, Eles não têm noção pedagógica, então é uma dificuldade, pensa numa coisa tão simples que eles sabem, eles sabem fazer cálculos, mas não sabem ensinar. No âmbito escolar, enquanto a gente não tem essa questão dos bacharéis em Letras Libras, a licenciatura ela é importante, agora quando a gente tiver essa formação, vai ser tipo assim primeiro lugar quem tem Bacharel em Letras Libras, segundo lugar quem tem licenciatura em Letras Libras e em terceiro lugar outras licenciaturas. Acho que ficaria nessa porque aí seriam perdas menores e quem sabe não precisava nem chegar em outras licenciaturas ia parar lá na licenciatura e bacharelado se completassem as vagas. Fechar também a gente ainda não pode, porque uma turma 90% das pessoas todas atuando profissionalmente é um tiro no pé. Então acho que é licenciatura é importante pelo contexto histórico que a gente ainda tem vai chegar um tempo que ela não vai satisfazer mais, e aí a gente vai ter que pensar nisso acho que a primeira coisa que lutar para que seja respeitado nos concursos. O intérprete ter o cargo de professor é bom, faz toda a diferença, comparando estado e UFMA, a carga horária, a questão salarial também e outra coisa, na UFMA mesmo sendo administrativo lá eu ainda sou administrativo nível médio que piora mais ainda, que o salário é a metade de um intérprete de nível superior e faz o mesmo trabalho, as mesmas coisas então é muito pior e o pior Rita, a minha leitura que não tem para onde crescer. Eu digo muito: eu não quero ser intérprete administrativo a vida toda. Foi muito decepcionante, porque quando a gente entrou, eu imaginei: “puxa, você vai para a universidade, você vai ter condições, você vai ser ouvido, você vai estar ali, vai valer a pena a sua formação e não vale”. Você simplesmente é cobrado para “bater mão” e chega um tempo na tua vida que tu não tá mais bater cabeça com isso, quer dizer, perde o tesão, é pra fazer? Então a gente faz, mas eu não vejo a minha satisfação, é claro que agradeço a Deus pelo meu trabalho, gosto muito de trabalhar na universidade porque me abriu muitas coisas, minha área é de humanas e eu trabalho no curso da área de saúde Então me abriu outras visões, eu consegui entender melhor, a minha prática também interpretativa isso é importante porque é algo totalmente diferente do que eu estou acostumada. Então para mim, foi muito bom mas não me vejo profissionalmente sendo outra coisa e nem aqui também, é exatamente isso que eu penso, eu quero terminar, vou me aposentar de ter conseguido meus objetivos nem que seja um ano antes de me aposentar porque eu não vejo, agora para quem quer só ficar lá a vida

todinha é ótimo não é o emprego dos sonhos, mas comparando com que a gente já viveu antes, eu estava olhando meus contracheques e eu disse: Meu Deus, eu não acredito que trabalhava para ganhar esta miséria! E as lutas, é claro, são outras, mas não chegam perto do que a gente tem, são direitos adquiridos e eu acho que é importante.

Se não fosse eu lembro muito bem a situação que estava passando, eu estava antes da prefeitura, desempregada, estava só com salário do contrato do estado, quando eu passei para prefeitura, deu um up na minha vida financeira na época, quando eu fui para a UFMA, mais ainda. Porque quando eu entrei na prefeitura eu trabalhava no Apoio e na prefeitura, aliás, quando eu estava no CAS com o contrato e no Apoio, quando eu saí do Apoio, eu fiquei 6 meses desempregada, fiquei só no CAS, quando eu passei na prefeitura e eu fiquei na prefeitura e CAS, quando eu passo na UFMA, eu saio do CAS aí eu fiquei só na UFMA e prefeitura, quando eu passei no concurso que eu assumi, eu saí da prefeitura o salário da prefeitura para o estado é um pouco menor, na época era, mas tinha as questões mesmo da sala de aula do contexto que não dava mais, é muito desgastante a escola, o contexto da escola que eu trabalhava também era muito difícil. Eu acho que não contribuí muito para mim essa parte de eu questionar porque eu tinha 10 surdos dentro de uma sala de aula? Porque o surdo estava no sétimo ano e não sabia escrever? E isso me travaram embates muito fortes e eu não era bem vista, por que a Semed não queria saber disso, ela só queria saber de números, mas para mim era importante porque eu vivenciava a comunidade surda e eu sabia que eu não estava fazendo o que eu deveria fazer e isso me atormentava, mas para os gestores não, então era uma luta que você só se queimava, uma pessoa indesejada por que você está questionando uma coisa que era a realidade que era melhor fechar os olhos e fingir que está todo mundo Alfabetizado.

Amires Câmara responde sobre o Concurso

Rita: Você já atuava profissionalmente como Intérprete antes do concurso? Onde? Que tipo de contrato?

Sim, ato como intérprete desde 2002, através de contrato pelo estado ensino médio e fundamental e também em sala de recurso com projeto de alfabetização de surdos

Rita: Qual sua opinião sobre a prova?

Amires: Eu gostei muito do concurso de 2009 primeiro porque ela tratou a teoria mesmo bem específica na área mesmo prática e teórica da qual a gente atua enquanto intérprete, a seleção depois com a prova prática, só tem uma questão, porque como intérprete de Libras o que mais importa é a prática em sala de aula, a intimidade que ele tem com a língua de sinais, eu acho que deveria inverter a ordem, primeiro a prova prática, depois teoria.

Rita: Você participou de alguma formação específica antes do concurso?

Amires: Não

Rita: Como foi sua primeira experiência em sala de aula já como concursado?

Amires: A experiência não mudou porque eu já atuava, uns 5 ou 6 anos antes já atuava como intérprete, em relação à minha atuação não mudou, mas em relação ao respeito pelo profissional, houve um peso maior depois do concurso.

Rita: Sua função e atividades estão bem definidas na escola onde você trabalha?

Amires: Ainda faltam mais esclarecimentos à comunidade escolar.

Rita: A realização de concursos para TILS (com licenciatura?) é positiva ou negativa na sua opinião?

Amires: Positiva, aliás é necessário o estudo com algumas práticas.

Apêndice 7

AS lembranças de Irene Cabral

RITA: Irene como você aprendeu Libras e por que você aprendeu Libras?

IRENE: Bom eu nem sei se eu sei Libras, tô brincando! Mas o meu primeiro contato com a língua de sinais na verdade quando isso aconteceu nem era Libras ainda não tinha essa denominação ainda era mímica eu estava de férias do meu trabalho, já trabalhava como professora e estava de férias e eu vi um anúncio de mímicas que seria feito na Igreja Batista Getsêmani. Isso foi em Julho de 1990 lá no Colégio Batista, quem estava colocando o cartaz era Valéria Ewerton e aí me aproximei e achei curioso e me destinei aí fazer isso eu acho que era numa sexta e o curso começaria na segunda e aí eu já fui para o curso, era um curso que passei duas semanas aprendendo era um curso vocabular, eu gostei demais, me encantei com a com a mímica e foi dessa forma na verdade que eu entrei em contato com a língua de sinais que mais tarde passaria a ser a Libras, que a gente tem hoje que a gente trabalha conhece e gosta né? Acredito eu todo mundo se encanta com a Libras. Então se deu dessa forma não foi uma coisa planejada, ah eu vou me matricular! Não eu vi um cartaz no anúncio e fiquei curiosa e aí ela me fisgou, a língua de sinais me fisgou e eu costumo dizer que eu fiz o meu primeiro curso, eu tenho meu certificado até hoje “curso de mímica” Meu Primeiro Curso de mímica dado pela igreja Batista Getsemani se deu desta forma e depois a gente só continuou o trabalho nessa perspectiva com surdos, o contato com eles.

RITA: daí depois que você aprendeu no tempo mímica para chegar à uma escola como foi?

IRENE: Demorou muitos anos, como eu te disse eu fiz um curso de duas semanas e como todo mundo pelo menos, quase todo mundo que não tem contato com o surdo esquece. Na época eu acabei esquecendo, fui por curiosidade gostei, mas não tive contato com surdos então acabei esquecendo eu continuei o alfabeto a comunicação Inicial mas praticamente esqueci isso de agosto a dezembro daquele ano, 1990. Em dezembro eu recebi um recado da Valéria Ewerton que conhecia meu pastor, o pastor chegou para mim disse assim: “Irene, a Valéria mandou dizer que domingo ela vem deixar uns surdos para você tomar conta” e qual foi a minha reação? Como assim pastor? não eu não sei mais nada e ele falou brincando você não foi fazer o curso? Pois então se vire! O certo é que isso era uma sexta-feira à noite, no domingo pela manhã Valéria estava na igreja com cinco surdos exatamente para que eu tomasse conta desses surdos. Um parêntese bem aí, eu fui a primeira a ir fazer o curso na Igreja Batista Getsêmani, eu fiz a primeira semana sozinha, mas na segunda semana que era na segunda quinzena já foram comigo vários jovens, Acho que uns três jovens foram fazer

comigo esse curso na segunda semana já empolgados porque eu já tinha contaminado eles aqui .então passei o mês de Julho todo fazendo curso eu fiz o curso duas vezes, Participei de duas turmas Valéria veio com os 5 surdos e chegou e conversou comigo e eu fiquei sem dizer não Claro, só disse da minha dificuldade que eu realmente não sabia e que seria muito difícil lidar com eles porque eu não sabia Eu tinha esquecido mas aí ela se diz pois ela disse Irene eu te ajudo porque os surdos que ela trouxe morava no meu bairro e eles iam lá para Cohab então aqui ficava mais fácil e aí eu aceitei o desafio e comecei com eles ,eu era solteira, jovem não trabalhava à noite, então eu passei a conviver com esse 5 surdos, conviver mesmo eu trabalhava de manhã e de tarde mas à noite eu ia para casa deles eu formei uma classe com eles na igreja e aí voltei a estudar minha apostila e aí já também comecei a trabalhar com aquele jovens que também queriam ajudar na igreja e assim a gente começou aos domingos eu me propunha sempre a interpretar com eles mas da minha forma eu tinha vergonha de ir lá para frente porque eu não dominava a língua de sinais para interpretar tudo então eu sentava lá atrás com eles e eu confesso praticamente nos primeiros meses, eu interpretava pouca coisa do que acontecia no culto eles ficavam mas era conversando, outras coisas até sem o contato com o surdo esquece eles me criticavam, me chamavam de burra e eu relevava porque realmente errava muito. Foi dessa forma que que a gente começou o trabalho com surdos antes mesmo da escolaridade.

RITA: E você recebeu alguma formação na área de tradução ou foi somente o curso de mímica?

IRENE: não nenhuma formação em tradução a não ser algumas dicas que a Valéria dava e também de vê-la interpretando a gente ia para igreja dela e a gente via como a Valéria fazia e fazia muito bem, a Valéria Lea também na época.

RITA: onde iniciou a sua atuação como intérprete?

IRENE: foi na igreja desta forma como eu te falei claro que com passar do tempo a gente foi tentando melhorar formação mesmo individual estudando língua de sinais ampliando o vocabulário principalmente vocabulário bíblico que era o contexto e foi assim desta forma na igreja, eu devo Deus e a igreja todo esse iniciar.

RITA: você atuou em outras áreas?

IRENE: Não, inicialmente foi só na igreja, mas depois Eu interpretei porque se isso foi 1990/91 eu fiquei com um surdo na igreja final de 92 Eu já estava com dois anos trabalhando com surdos na igreja e eu já estava bem fluente bem melhor do que quando eu comecei E aí eu passei no concurso do Estado como professora. Eu quis ir trabalhar com surdo, eu pedi na secretaria, fui à coordenação de Educação Especial na época, queria saber se tinha um trabalho com surdos no estado. Eu sabia que tinha porque a Valéria já tinha me falado sobre

isso, inclusive a Valéria tinha ido sugerir que a secretaria aceitasse língua de sinais e aí eu fui na coordenação de Educação Especial na época que tinha professora Glorinha a professora Maria da Glória Costa Arcangeli e lá eu falei me apresentei disse que estava sendo nomeada que eu já tinha um trabalho na igreja com surdos e que gostaria de trabalhar na escolaridade com pessoas surdas, se ela aceitava e se tinha vaga. Eu lembro que não tinha vaga, mas a professora Glorinha numa ato de muita aceitação, ela disse que não temos no momento mas estaremos em breve. Então eu vou ficar contigo porque eu queria trabalhar com surdos e muita gente não queria trabalhar nessa área. Ela foi comigo no setor de lotação do RH para exatamente me conduzir à educação especial, o que me deixou muito feliz. Eu fui trabalhar na escola Raimundo Correia auxiliando uma professora que logo ia sair porque ela já estava para assumir outro concurso. E eu fiquei com a turma dela, a série não lembro exatamente qual era, mas tinha surdos de todos os níveis e idades de 7 até 15 anos e por isso era uma turma mista, tanto na questão da escolaridade da série quanto na questão da idade e também de conhecimento da fluência em língua de sinais. Alguns faziam gestos. Língua de sinais mesmo eles não sabiam o outro já sinalizava alguma coisa, aí, foi dessa forma que eu comecei na escola como surdos.

RITA: no caso, vc começou como professora e como foi que chegou a ser intérprete?

IRENE: foi um tempo depois, é bom dizer que quando eu cheguei na educação de surdos nessa época, setembro de 1992 não se aceitava a língua de sinais na escolaridade. A abordagem era oralista. Não era permitido usar a língua de sinais. Inclusive a minha coordenadora, que era professora Glorinha, ela trouxe para mim uma relação de regras. As regras do que eu podia e não podia fazer na sala de aula, a que encabeçava era: “não podia gesticular”. A questão é que a gente perde as coisas, mas este era um documento que eu tinha, acabou se perdendo, mas ela fez datilografado. Não sei se foi ela, mas ela trouxe para mim datilografado uma das coisas que dizia era a primeira das regras não podia gesticular. E aí eu me perguntei: “mas como que eu vou dar aula para essas crianças? Como que eu vou me comunicar com eles? Como eu vou dialogar e instruir e entendê-los? Eu não tinha como obedecer essa regra em uma sala cheia de surdos e eu ia fazer o que? Falar com eles? Gritar como as minhas colegas do lado faziam? As professoras gritavam com os alunos, os alunos gritavam com elas e ninguém se entendia. Era aquela loucura. Na minha sala, eu sinalizava, pois as salas eram acústicas por causa do ar-condicionado. Eu não tinha outra opção a não ser falar com eles em línguas de sinais. Eu sinalizava e eu digo que a minha turma era muito comportada por isso. Porque eles se faziam entender. Mesmo alguns não sabendo sinalizar. Mas eles se faziam entender através de gestos, a gente se entendia. Isso foi em setembro, outubro, novembro e dezembro de 92. Para a glória de Deus e a nossa felicidade veio uma

oficina, um curso de formação de professores, um curso de capacitação de professores área de educação especial para os professores da rede recém-chegados e os veteranos também esse curso foi feito bem aqui no iema, o colégio Margarida Pires Leal que é ao lado do CAS, então este curso foi feito lá e para a minha alegria que dentre os colegas eu era a única que usava a língua de sinais, eu já sabia por conta desse meu convívio com os surdos e lá além de uma série de disciplinas que a gente teve, passamos vários tempos e fazendo esse curso porque área específica para a gente, Glorinha deu aula, outros professores deram aula. veio a primeira oficina de língua de sinais para os professores quem deu foi José Gomes deu. Eu lembro dele ensinando para a gente o sinal de refrigerante. Isso foi 3 meses depois que eu comecei a trabalhar com surdos. Para os demais professores eram uma novidade aquela coisa, para mim era uma felicidade, porque estava vendo a língua de sinais pela primeira vez pura e dada por um surdo e isso aconteceu já foi vislumbrado uma mudança na educação de surdos de fato. Isso foi realmente o início. No ano seguinte, a gente teve um curso mesmo de língua de sinais para os professores na rede de 120 Horas quem ia ensinar era Valéria isso mês de março ou abril do ano seguinte, logo depois que veio uma professora do Rio de Janeiro ensinar sobre a comunicação total, ela veio, me lembro muito bem, o curso eu só fui uma tarde eu não sei porque que Glorinha naquela época não me deixou participar da formação, eu não sei se é porque ela já considerava que eu sabia a língua de sinais, eu sei que eu não fui para esta formação. As outras professoras foram, muita gente foi eu acho que é porque eu tinha que ficar mesmo. Mas eu fui uma tarde como aluna nesta formação e nesta tarde eu lembro muito bem que essa professora eu esqueci o nome dela, mas ela fazia exatamente uma demonstração com os alunos surdos, onde ela oralizava e os surdo não interagiam e quando ela sinalizava, os surdos participavam. tinha que ter um professor para ministrar essas aulas a professora Valéria foi a pessoa convidada Por que realmente era a mais gabaritada mas carimbada em São Luís e eu lembro que comigo aconteceram coisas assim inusitadas e eu lembro que eu trabalhava lá na escola Picapau Dória chega lá na escola e alguém chega me disse que tinha uma moça querendo falar era Glorinha me falou que Valéria não poderia ministrar o curso a tarde Irene Só você para Me tirar desse sufoco estou querendo dizer que Valéria vai ministrar aula pela manhã e você vai ministrar a tarde e eu perguntei como assim Glorinha? eu preciso receber o curso eu não estou em condições de ensinar eu quero é estudar e quero é aprender mais eu estava recém-chegada na rede E aí Glorinha disse que se você não aceitar o pessoal da tarde não vai ter curso porque a Valéria não tem condições de ministrar o curso a tarde

Pelo o que eu li, julgava que você tinha participado da formação que a Valéria tinha dado para os professores e eu julgava que você estava na turma como aluna não você foi formadora juntamente com a Valéria, ela ia dar um curso nos dois turnos E aí Claro eu ia ter oportunidade de aprofundar porque era um curso de 120 Horas E aí então tava todo mundo eufórico e Valéria só que por uma questão pessoal não pode ficar nos dois turnos e a saída foi Glorinha e lá no meu serviço fazer isso Entendeu falar comigo era um pedido por favor Irene por favor aceita que senão a turma da tarde não vai ter mas ela insiste eu sei que aí foi outro desafio porque eu que gostaria de estar como aluna agora passaria ser professora da turma da tarde muita gente estudava à tarde Pois é mas aí eu aceitei o desafio Tive que me rebolar estudar um bocado Errei muito certamente porque às vezes Tinha muito sinal que eu não sabia também troquei algumas figurinhas com a Valéria ela sempre dava um Norte porque ela trabalhava pela manhã trabalhava à tarde e assim foi e claro que eu fiquei porque eu tinha que trabalhar eu tive que estudar então eu acho que foi mais valioso do que se eu tivesse como aluna foi bem mais desafiador. Foi aí em média de 80 a 120 Horas duas semanas seguidas toda tarde 5 vezes não sei te dizer eu não foi um mês seguido eu não sei te dizer a carga horária mas eu sei que foi uma formação continuada em língua de sinais para os professores da rede estadual que trabalhavam com surdos Na época eu lembro de rosenildes Arlete Adeilson era da turma da manhã Carmen Carmen era minha aluna Marruxa várias outras Teresa Duarte, Gracimeire... era quem permeava na educação de surdos naquela época que já atuavam. Foi bom foi uma experiência que me ensinou muito Eu Aprendi muita coisa isso em 1993.

RITA: E aí depois dessa formação já foi liberada a língua de sinais nas escolas?

IRENE: era como se fosse assim, tá liberada a língua de sinais na escola

RITA: No ano que você começou sinalizar ali escondidinho, não teve “consequências”, de ser chamada atenção?

IRENE: não não porque ninguém sabia especificamente que eu fazia na sala, liberou geral entendeu aí a coisa já foi porque você sabe que a língua de sinais algumas pessoas se Encantam mas outras têm muita dificuldade também por conta da idade Então os colegas que já estavam acostumados a trabalhar com abordagem oralizando já sentiram mais dificuldade outros não teve aceitação dos mais jovens que ficaram bem Encantados e já prosseguiram mesmo

RITA: e daí para iniciar como intérprete ainda demorou um tempo?

IRENE: ainda demorou um tempo pelo seguinte estamos a 93 94 fomos para o cegel saímos do Raimundo Correia em 92 estava no Raimundo Correia as classes estavam lá ,em 93 as classes vieram para o Colégio Maria França que ficava na Rua das Hortas hoje lá é uma

clínica o Sérgio estava sendo construído em agosto de 94 nós mudamos para o cegel em agosto de 94 foi reservado algumas salas para classe especial de surdos e não seja a língua de sinais já estava sendo permitida a gente já estava mais juntos na época tinha professora edeilce Silvana gracimeire Carolina Loos. então assim cegel era uma escola nova Grande a direção não tomou muito conhecimento da gente mas a gente se fez perceber E aí então os surdos começaram a irem para lá frequentar se matricular não tinha na época começou a educação de jovens no noturno mas logo ampliou muito então é salas especiais noturnas já para surdos e a gente trabalhando lá e então os surdos começaram a participar porque a gente incentivava. Edeilce foi uma pessoa que incentivou muito nessa época, essas questões da escola que ia interpretar eu exatamente eu e eu lembro que Edeilce dizia assim às vezes eu não queria ir, eu ficava com vergonha, mas ela dizia Irene, não tem ninguém te olhando aqui só os surdos, ninguém sabe língua de sinais, na verdade todo mundo estava olhando mas ninguém sabia se estava fazendo certo ou errado isso me impulsionava. Mas só que claro hoje em dia a gente não pode pensar dessa forma naquele momento foi o incentivo, até hoje realmente eu gosto de interpretar o surdo me olhando se ele não estiver me olhando parece que eu tô falando sozinha eu sei que o intérprete não tem que chamar o surdo para olhar para se é da vontade dele Principalmente as do seminário alguma coisa assim em seminários todos que Eu interpretei e era sozinha tudo que era da secretaria eu ia lá era sozinha eu era a cobaia mas era um prazer fazer E aí aí veio os primeiros surdos que saíram por conta desse avançar na educação na escolaridade eles saíram da classe especial e foram para a quinta série em 98 quatro surdos Arlindo, Márcia, Geisa e Luziane. Aí eu lembro que a indagação era quem vai acompanhar estes surdos na da série como que a gente vai fazer para integrar este surdos porque era integração abordagem, o paradigma era da Integração numa reunião foi tirado e não foi lançado sorte não, foi indicado mesmo é Irene que vai. Tá eu aceitei Glorinha e Edeilce disseram que eu deveria acompanhar estes alunos fui em 98 na quinta Série. Aí em 99 mais surdos vieram para quinta série e os meus porque eu interpretava foram para sexta eu fiquei na sexta eu acompanhei eles até a oitava série 5^a 6^a 7^a e 8^a E aí Os surdos que vieram depois em 99 quem saiu ir para saiu para interpretar Maria Tereza Duarte eu fiquei na sétima Teresa foi para sexta e quem veio para quinta acompanhar foi Gracimeire indignada, mas veio, e ficou na quinta série Aí ficamos nós três eu sétima Teresa sexta e ela quinta aí em 2001 não tinha mais quem tirar, tinha Carolina, mas aí a gente pensou também se tirar elas, quem vai ficar na classe especial? vai acabar porque é necessário, quem iria formar essas crianças para chegarem ao fundamental? aí foi quando o estado contratou pela primeira vez os intérpretes. Quem estava nesse cenário? Valéria Ewerton, Irlan Cerqueira, Janaína Teles, Lea Cristina, Margareth Barros e Alberto Lima. Esse pessoal todinho estava na primeira leva.

Eram 6 intérpretes. A partir daí eu encerrei minha carreira como intérprete educacional em 2001, encerrei na escolaridade porque já estava chegando muita gente carimbada e também porque a minha função mesmo era professora eu sou professora eu atuei como intérprete fui intérprete acho que foi um período muito bom que me ajudou a crescer muito, eu fiz um outro Ensino Fundamental, a gente aprende muito na sala de aula foi bom demais, fiz muitas amizades que até hoje permanecem. Este trabalho contribuiu muito, pois muitas pessoas que hoje estão na área vieram desta época, desse trabalho por exemplo Salma que era professora de português da sétima série, Ana Cristina, Aleís, Ana Ruth, depois a Nilza já tava eu acho que 96/97 eu não estou muito certa mas assim todo esse pessoal, a Tânia que está hoje no CAS.

RITA: e no início quais foram suas principais dificuldades?

IRENE: Muitas assim na verdade a interpretação das aulas que sabe que no dia a dia da sala de aula são muitos conteúdos os livros eram muito condensado os preços dos eles tinham muita dificuldade com a língua portuguesa Então eu tinha que deixar mesmo de trabalhar às vezes a professora explica vá e eu aprofundava buscar também sinais que relacionados era uma dificuldade a gente não tinha facilidade que tem hoje muita coisa a gente convencionar Vale com eles para fazer você sabe que a gente pode né então a dificuldades eu era sozinha carga horária é muito extensa porque eu era professora de sala de aula e o meu horário era de 7:30 às 11:30 e Quando assumi quando eu sumir foi isso aí no tablet eu entrava 7 das 7:15 e sair 11:45 12:45 depende do dia e eu fui a primeira pessoa que se tornar a carga horária do intérprete em sala de aula porque eu tirei por mim porque poxa como professora trabalhava 17:30 às 11:30 e agora eu tô trabalhando 17:10 7 15 a esse novo horário 11:45 12:30 Depende muito do dia então eu estou trabalhando a mais trabalhando a mais do que exatamente o meu horário e sem contar que era muito desgastante era de segunda a sexta-feira a única compensação era que como professora tinha caderneta prova para corrigir todas essas atribuições do professor e lá e lá não eu entrava de mãos vazias e saía de mãos vazias eu não tinha esse compromisso com cadernetas e provas o meu compromisso era eu tinha todo o material todos os livros didáticos da série então eu sabia que a aula o professor e a dar no dia seguinte eu não planejava junto com ele porque a gente não tinha tempo mesmo eles até tinha um tempo mas eu não que eu ficava direto em sala de aula mas eu sabia porque eu acompanhava normalmente Professor trabalha em sequência como eu te amo livro eu sabia qual era o assunto da próxima aula por exemplo mas eram Muitas dificuldades o cansaço que você sabe que interpreta a canção e também a questão uma das dificuldades que eu tive foi com relação a própria aceitação de alguns professores desses alunos surdos e de entender exatamente qual era o meu papel ali Porque alguns alguns professores pediram explica aí para

os seus alunos explica aí para os seus alunos e eu voltava e para professores alunos não são meus são seus explique que eu interpreto eu falava com cautela Professor desculpa o aluno é seu não são meus você explica que eu interpreto era assim que eu dizia Então ela explicar às vezes revisava com eles eles tinham algumas estratégias deles uma coisa que eu não sei se era certo ou errado mas que eu adotava e que achava que ficava interessante pelo menos para mim para eles aula de matemática fórmula Professor escrevendo no quadro ele ia escrevendo e falando ao mesmo tempo aí a gente explicar você eu fiz muito isso principalmente na aula de matemática hidrovia cálculos

Lembranças de Valéria Ewerton

RITA: Como você aprendeu Libras e porquê?

VALÉRIA: Eu fiz curso, e na época foi oferecido pela missionária Lois Broughton, ela era missionária na sob responsabilidade da missão batista regular de Jhon Peterson, era o missionário responsável por essa missão de trabalhar com surdos e a Lois trabalhava com ele Lois é filha de missionários também estava aqui em São Luís, pastor Jorge e Joaquina Broughton, então a Lois trabalhava na época no Piauí Teresina com trabalho com surdos, ela veio de férias aqui para São Luís para ficar com os pais e aqui ela promoveu um curso de 2 semanas na época chamada ainda de curso de mímica isso foi 85, antes do período carnaval e eu fui fazer, eu tinha terminado meu ensino médio em 84 e não tinha tentado logo vestibular e resolvi fazer mais para ocupar o tempo, naquele momento porque não tinha menor noção do que era que ela estava oferecendo, mas como ela uma pessoa que a gente gostava muito isso foi oferecido para ser realizado lá no seminário cristão evangélico do norte, achei interessante achava agradável local e fui mais pela amizade, pela curiosidade do que realmente entender o que seria dado ali mais por aí sem nenhum interesse sem nenhum objetivo na época não era conhecido era uma novidade era o interessante, mímica o que era isso? a gente utilizava mímica, pantomina mais no teatro, peça, enquete coisas feitas para diversão com uma peça teatral mas entender isso como uma língua, uma linguagem que fosse para se comunicar com alguém que não tivesse audição não era nada compreensível .nessa época foi só por curiosidade .

RITA: Mas depois do curso você já começou a ser intérprete?

VALÉRIA: O que aconteceu que só foram duas semanas somente, era pelas manhãs começava às 9:00 e finalizada às 11:00 e depois ficar no momento de recreação juntos e pronto certo é que durante esse período a Lois começou a sair para fazer as visitas, visitar surdos, conhecer surdos aqui de São Luís e eu que tinha terminado ensino médio não tinha feito logo vestibular e também eu me prontifiquei a ir com ela, porque eu conhecia mas os bairros do que ela que não estava morando aqui. Então fui com ela e junto com ela dois outros amigos que era cristiano quadros e rubens pereira então nós três junto com aloe íamos acompanhado às vezes todos os quatros juntos às vezes um por vez com ela visitando e surdos aqui em são luís na área da cohab centro diamante alguns bairros e aí nesse processo que sair com a Lois começa a olhar de frente à realidade dos outros, aquilo foi mexendo comigo e o curso depois que finalizou a Lois estava também tinha conseguido também por igreja batista central uma casa ao lado da igreja pra fazer o trabalho com surdos sábado a tarde de evangelização de contação de história, jogos com eles e aí eu me prontifiquei a auxiliá-la porque esse curso acontecia de segunda a sexta então no sábado comecei a ir com a Lois também nesse momento com surdos. Aí vários surdos iam para lá, alguns jovens, adolescentes e adultos a eu comecei a ter um contato sempre observando a Lois, o trabalho que ela desenvolveu. só que é a férias terminam e aí quando ela falou que estaria retornando eu fiquei com um sentimento a muito meu deus e agora com os outros não ficar mais terminar todas as trabalhos mais ficar por isso mesmo e aquilo mexeu demais comigo, não pode acontecer isso não tá certo então com o duelo style continuei com o trabalho solto com eles só que a não como ela fazia ela tinha cat em disponibilidade financeira melhores, tinha 17 anos idade, eu tinha acabado de fazer ensino médio, não estava trabalhando, então dinheiro de passagens tinha que ser pedido para os meus pais então ficava muito complicado, mas é porque não tinha nem meia passagem.

RITA: Você já estavam a quanto tempo?

VALÉRIA: olha eu não sei te precisar porque quando a coisa toda começou não havia a menor pretensão de ter desenvolvido com desenvolveu, era uma jovem com outros jovens conversando e desenvolvendo uma amizade então não havia nenhum tipo de pretensão eu era recém convertida. quando foi janeiro de 85 tava com pouco tempo de convivência na igreja aí surgiu curso eu fui fazer a isso hoje esse processo tava muito recente convivência na vida eclesial o certo é que a gente começou com esse processo eu não sei se precisar quanto tempo ficou mais eu sei que não foi tanto tempo assim começamos a ter contato em casa na casa da minha mãe aos convidei para irem na igreja aí o certo é que eles foram aceitaram convite aí uma escola bíblica que era pelas manhãs na igreja eu comecei a ler e levar material da pec material que é luiz utilizada nos encontros aos sábados aquelas figuras grandes figuras

de flanela aí o meu utilizavam um quadro de flanela grupo rolava na minha blusa chamava algum deles mas Antônio Carlos e eu fiz mais amizades e aí nós drama de usar vamos uma história bíblica mais dramatização do que hoje nós chamamos libras mas ali fomos aprendendo e é igreja olhando na novidade absurda uma coisa que que é isso uma coisa fantástica uma coisa louca essa chamou atenção principalmente a dois adolescentes e juniores as crianças de 8 até 9 anos idade de juniores esse grupo menor começou a querer também a princípio eu ficava com ele lá no último banco eles sentados e eu sentado também porque era tudo logo a gente não sabia como fazer porque a ideia não era chamar atenção na igreja toda mas era para ficarem olhando pra gente na hora de um culto que o pastor não ia gostar mesmo fim de ninguém por meio de turbulência depois a gente foi caminhando com esse processo dentro da igreja eu falei com o pastor pedir permissão para estar com eles sair da parte de trás e ver mais fala parte da frente porque ficavam muito ruim a minha posição para tentar interpretar pra ele conversar com ele aí fiquei no primeiro vans aí eu colocasse uma cadeira eu ficava sentada na cadeira interpretando e eles me corrigindo se a gente tentando se comunicar mais tarde comecei a organizar cursos também do mesmo jeito que eu recebi, do jeito como eu peguei as apostilas e comecei fazer esse processo comecei também a fazer cursos dentro da igreja no mesmo molde daquele que tinha recebido 2 semanas e com aquela listras na descrição dos sinais eu fazia os cursos gratuitos eu fazia o mesmo, reproduzia as apostilas e distribuir para os alunos. Na sala recorrente de que o surdo é difícil eu estou no salão zangado que eram pessoas consideradas vezes com pessoas com transtornos mentais e eu nunca se os surdos nessa perspectiva então achava térreo essa mentalidade que existia essa conceituação dos surdos. Então eu comecei a oferecer esses curso na igreja com esse objetivo de tentar mostrar aí eu sempre chamava comigo Antônio Carlos nós fizemos uma amizade muito boa eu frequentava a casa dele, ele ia na minha casa eu conheci a família dele nós ficamos amigos mesmo até hoje somos amigos mesmo e o Antônio Carlos Eu Sempre chamava para estar comigo e ele ele me corrige a ele fazer isso nós temos os momentos práticos com eles às vezes chamavam nos seus outros surdos aí o pessoal poderia interagir e até conhecendo um pouco mais da pessoa do surdo que era uma pessoa normal igual a qualquer pessoa onde nós A diferença é que ele não envia e outro ouvir como usar óculos e o outro não usam óculos Então essa sempre foi meu entendimento sobre a pessoa surda uma pessoa ponto final e eu tentei trabalhar isso com as outras pessoas não apenas ministrando cursos mas convivendo com surdos eu visitava os surdos eu tinha contato com as famílias deles eu busquei interagir com eles em várias áreas das vidas deles situações escolar onde estavam uma boa parte eram escolarizados de entrar para escola Isso foi uma luta grande porque na época Os surdos só tinha uma escola aqui para a escolarização para alfabetização dele que era Escola Raimundo

Correia ficava na avenida Rua Rio Branco Centro que desce realmente para Praça Gonçalves Dias ficava bem de Campo na escola bem grande e ali era ali que os surdos ficavam naquela época ali na década de 80 Glorinha era uma supervisora da área de educação especial fantástica muito sensível eu tive contato muito com Glorinha eu não era nada de educação não era professora não tinha formação nessa área mas todas as vezes que eu tive contato nessa escola Raimundo Correia ela sempre foi muito receptiva muito aberto ela entendia já necessidade de uma linguagem específica para o surdo no entanto o sistema de Educação do nosso estado não permite a Qualquer mudança Então os surdos eles eram obrigados as crianças a utilizarem um aparelho auditivo de caixinha e botava era Quadrado que colocava na parte da blusa no bolsinho só que era uma coisa massificada colocavam indistintamente os fones de ouvido para eles mas não havia um processo de adaptação desses aparelhos essas crianças porque não eu digo não tinha um processo isso porque não existia um fonoaudiólogo no Maranhão para atender então era algo praticamente inviável para atender o estado a demanda de pessoas com surdez esse aparelho viesse um monte era distribuído para os alunos os alunos tinham que usar e ponto final mas o processo de adaptação individualizado desse aparelho não aconteceu raramente tinha um acompanhamento Realmente é muito dos surdos reagiam rejeitando os aparelhos porque doía eram inadequados extremamente necessário essa adaptação é qualquer pessoa que vai mudar um óculos você passa por um período de adaptação porque a mudança de grau têm impactos às vezes eu fico com uma sensação de que está caindo vai pisar num buraco imagina um aparelho auditivo que é uma coisa que incomoda muito mais interno porque tem que entrar no no ouvido médio e isso é Muito desconfortável fora a falta de uso do entendimento de que cada ouvido é algo extremamente particularizado o seu condutor aditivo não é igual ao meu e vice-versa então como é que eu vou usar o mesmo tipo de aparelho para todo o mesmo fone de ouvido para todo mundo era algo desconsiderado e acaba prejudicando as crianças mas ela é a glória já tinha esse entendimento mas o sistema o sistema era hora lista não aceitava qualquer outro tipo de filosofia ou qualquer outra teoria de comunicação para sua era oralismo surdos tinha que falar aí nesse período a gente já está caminhando para 87 por aí 38 era uma briga minha porque eu ia nas escolas eu ia no Helena Antipoff ele não trabalhava na alfabetização mais a área de oficinas de inclusão ela era todo mundo misturado surdos-cegos pessoas com transtornos mentais tudo misturada para fazer trabalho de encadernação artesanal algum tipo de profissionalização Eu quero uma outra concepção de minuta com pessoa com surdez como se ele não tivesse em capacidade para o mercado de trabalho entende então não quer dizer com artesão não tenha capacidade mas eles não observavam Daphne idade da Pitty dão de cada um era surdo tinha que ir para Helena para trabalhar isso isso isso porque isso eles

poderiam desenvolver um dia na vida quando se tornarem adultos desconsiderava realmente as capacidades deles e eu não aceitava isso achava isso uma falta de respeito uma pessoa Independente de quem fosse e alguns surdos frequentavam outros não frequentavam um frequentava durante o período que os pais para levar quero uma coisa mais obrigatória aí quando chegar na fase mais adolescente escapuliu então era uma canção que não alcançar o seu objetivo no final das contas E os surdos irão crescendo nesse sistema chegando à fase adulta sem alfabetização e também sem profissionalização na época e tá voltando de novo o curso técnico a profissionalização de nível médio era algo que o mercado de trabalho absorver muito mais facilmente do que nível superior mas os surdos você não viu estou desempregada não algum emprego aqui não tinham se tinham eram pessoas mais velhas de pessoas adultas que os pais por influência política colocaram para trabalhar dentro do sistema público dentro de alguma secretaria dentro de alguma área mas não porque ele estivesse ido por acreditar no potencial deles então foi um processo meio solitário esse processo a gente tá caminhando aí até o início da década da Virada do século eu voltando um pouco lá em 85 eu comecei a trabalhar não fez logo vestibular Mas comecei logo a trabalhar eu comecei a trabalhar com surdos esse encontro com ele Desde o período de Janeiro aí eu prosseguir mas quando chegou em maio eu fui trabalhar no Bradesco e aquilo lá me tomava o dia todo aí eu ficava 8 horas de serviço e aos finais de semana eu estava com estudos visitando no sábado na igreja de manhã domingo à tarde e à noite também nos domingos eles iam eu fazer interpretação sozinha esse tempo todo enquanto tinha surdo no ambiente eu estava interpretando para um para outro o que estava acontecendo arremesso período não sente nada caminhando pra briga minha porque eu ia nessa escola não trabalhamos tentando trabalhar com ajuda de um e de outro para conseguir transporte para eles o certo é que quando for em 87 eu pedir demissão do Bradesco porque eu ficava extremamente incomodada por ficar distante deles o contrário só final de semana porque havia muitas situações que às vezes precisava gospel das situações na escola situações familiares não tinha ninguém para dar um apoio Socorro aí quando eu chegar só no final de semana eu sabia disso nas horas que tinha acontecido um dos transtornos aquilo mexeu muito comigo aí quando eu chegar em setembro de 87 eu pedi demissão do Bradesco eu pedi e fiquei em tempo integral com juros isso não era oficializado por ninguém alguém disse olha a saia do seu emprego e a gente vai financeiramente ele bancar não ninguém nenhuma denominação e eu entendi de Deus que aquilo ali era algo necessário e fez naquele momento eu estava com 19 anos já e larguei o emprego e comecei a ficar todos os dias com soro de domingo a domingo todos os dias eu estava com surdos indo para o hospital e falando com médico e tentando fazer com que eles entendesse a respeitar a pessoa com surdo porque não era bem visto nisso imagina você entrar para se consultar você é uma paciente é surda aí

entra uma outra suja que não é tua mãe que não é tua irmã que não é transparente às vezes não rapaz tudo que tinha que entrar falar para o médico ele estava com dor no saco escrotal ou porque ele não estava urinando direito porque ele tava com uma coceira aí eu tinha que ficar dentro do lado tempo todo médico examinando e eu ali do lado era uma situação constrangedora absurdamente constrangedora eu ficava de tudo pantera cor mas ele estima confiança em mim tão grande que eu estava ali estava e eles acham natural parecia que era a mãe dele que estava linda a mãe não ia os pais não iam não usa acompanhava se eles estavam comigo a família entregava tá tudo bem por que ela entende ele ele se entende então foi um trabalho bem louco ouvir uma coisa sequência organizada planejada não era o dia a dia e acontecendo era um dia Um dia tão turbulento que não dava dia de de pensar nisso que foi fazendo a vivência na prática o foi 85 antes do período carnaval e eu fui fazer este até mais meu ensino médio em 84 e não tinha tentado logo vestibular e resolvi fazer mais para ocupar o tempo naquele momento porque não tinha menor noção do que era que ela estava oferecendo mas como ela uma pessoa que a gente gostava muito isso foi oferecido para ser realizado lá no seminário cristão evangélico do norte não planalto aurora achei interessante colocaram achava agradável local e fui mais pela amizade pela curiosidade do que realmente é entender o que seria da mais por aí você nenhum interesse sem nenhum objetivo na época não era conhecido era uma novidade era o interessante mímica o que era isso a gente utilizava mímica mim mas no teatro peça enquete coisas feias para diversão com uma peça teatral mas entender isso como uma língua uma linguagem que fosse para se comunicar com alguém que não tivesse audição não era nada compreensível nessa época foi só por curiosidade maria depois do curso você já começou o que aconteceu que só foram duas semanas ou mentira pelas manhãs começava às 9:00 e finalizada às 11:00 e depois ficar no momento de recreação juntos e pronto certo é que durante esse período a loures começou a sair para fazer as visitas visitar surdos conhecer surdos aqui de são luís e eu que tinha terminado ensino médio não tinha feito logo vestibular e também front fique aí com ela porque eu conhecia mas os bairros do que ela que não morando aqui então fui com ela e junto com ela dois outros amigos que era Cristiane quadros e Rubens pereira então nós três junto com a íamos acompanhado às vezes todos os quatros juntos às vezes um por vez com ela visitando e surdos aqui em são luís na área da Cohab, Centro, Diamante alguns bairros e também pensava meu face liberar pra ir sozinha para o centro no sábado à tarde para ficar com pessoas que não conheciam e sair quase de noite para sair de lá sozinha eles também não permitiram. o certo que é a partir dali continuei com contato surdos mais próximos aqui na cohab que era de onde morava aqui com meus pais o certo é que convidar vezes para ir na minha casa e continuou contato teve uma situação de um vizinho não era tão próximo mas no caminho de casa pra minha mãe que eu

fazia na igreja pra casa eu passava sempre na porta de uma família que tenho um filho sul do adulto já eu nunca tinha dado atenção para assistência daquela pessoa nem quando eu fiz o curso e parece que eu sinto uma sensibilidade maior para observar existência do surdo e ali eu comecei a tentar me comunicar com eles e eu convidei parei na minha casa morava no mesmo bairro hoje o Ferdinando está na Getsemani o Ferdinando trouxe mais 4 colegas com ele surdos e jovens para conhecer a moça bonita que ele tinha conhecido esses outros sou deus que foram é o Antonio Carlos Fernando Sérgio Mário foram esses impressoras que eu tive contato mais prolongado de fazer mais amizade mora desenvolvemos amizades eles iam regularmente na casa da minha mãe ficava atrás de toda conversando eu e aprendendo eles porque o porque o Ferdinando tem um pouco de hora lisa o irmão do também tinha facilidade na fala e o Sérgio não então que eu fiz eu fui aprendendo porque duas semanas de um curso que era muito diferente do que hoje é porque antigamente era assim era uma lista como se fosse um dicionário lista de palavras datilografadas chamava algum deles mas Antônio Carlos e eu fiz mais amizades e aí nós drama de usar vamos uma história bíblica mais dramatização do que hoje nós chamamos libras mas ali fomos aprendendo e é igreja olhando na novidade absurda uma coisa que que é isso uma coisa fantástica uma coisa louca essa chamou atenção principalmente a dois adolescentes e juniores as crianças de 8 até 9 anos idade de juniores esse grupo menor começou a querer também a princípio eu ficava com ele lá no último banco eles sentados e eu sentado também porque era tudo logo a gente não sabia como fazer porque a ideia não era chamar atenção na igreja toda mas era para ficarem olhando pra gente na hora de um culto que o pastor não ia gostar mesmo fim de ninguém por meio de turbulência depois a gente foi caminhando com esse processo dentro da igreja eu falei com o pastor pedir permissão para estar com eles sair da parte de trás e ver mais fala parte da frente porque ficavam muito ruim a minha posição para tentar interpretar pra ele conversar com ele aí fiquei no primeiro vans aí eu colocasse uma cadeira eu ficava sentada na cadeira interpretando até o início da década da Virada do século eu voltando um pouco lá em 85 eu comecei a trabalhar não fez logo vestibular Mas comecei logo a trabalhar eu comecei a trabalhar com surdos esse encontro com ele Desde o período de Janeiro aí eu prosseguir mas quando chegou em maio eu fui trabalhar no Bradesco e aquilo lá me tomava o dia todo aí eu ficava 8 horas de serviço e aos finais de semana eu estava com estudos visitando no sábado na igreja de manhã domingo à tarde e à noite também nos domingos eles iam eu fazer interpretação sozinha esse tempo todo enquanto tinha surdo no ambiente eu estava interpretando para um para outro o que estava acontecendo arremesso período não sente nada caminhando pra briga minha porque eu ia nossa escola seu ia não é lendas e por não trabalhamos alfabetização mandar ele oficina inclusão mundo misturados cegos pessoas com transtornos mentais todos misturadas para

fazer trabalho de encadernação artesanal algum tipo de profissionalização eu quero uma outra construção de luta com pessoas sendo 10 com você ele não tivessem capacidade para o mercado de arremesso período não sente nada caminhando pra briga minha porque eu ia nossa escola seu ia não é lendas e por não trabalhamos alfabetização mandar ele oficina inclusão mundo misturados cegos pessoas com transtornos mentais todos misturadas pra fazer trabalho de encadernação artesanal algum tipo de profissionalização eu quero uma outra construção de luta com pessoas sendo 10 com você ele não tivessem capacidade para o mercado de trabalho entendi então arremesso período não sente nada caminhando pra briga minha porque eu ia nossa escola seu ia não é lendas e por não trabalhamos alfabetização mandar ele oficina inclusão mundo misturados cegos pessoas com transtornos mentais todos misturadas pra fazer trabalho de encadernação artesanal algum tipo de profissionalização eu quero uma outra construção de luta com pessoas sendo 10 com você ele não tivessem capacidade para o mercado de trabalho entendi então não quer dizer com artesão não tenho capacidade mas eles não ambição favo da afinidade dão de cada um que horas tinha que problema pra trabalhar e isso porque esses poderia desenvolveu um dia na vida quando se tornar sendo muitas vezes ele saiu lá para casa ir para igreja à noite naquela época não existia passe livre e nem minha passagem para ninguém então o que aconteceu eles iam às vezes lá para casa para almoçar e para ver a noite e terminamos durante dois anos dessa forma com a igreja foi tentando trabalhar com ajuda de um e de outro para conseguir transporte para Alex e o certo é que quando for em 87 eu pedir demissão do Bradesco porque eu ficava extremamente incomodada por ficar distante deles o contrário só final de semana porque havia muitas situações que às vezes precisava gospel das situações na escola situações familiares não tinha ninguém para dar um apoio Socorro aí quando eu chegar só no final de semana eu sabia disso nas horas que tinha acontecido um dos transtornos aquilo mexeu muito comigo aí quando eu chegar em setembro de 87 eu pedi demissão do Bradesco eu pedi e fiquei em tempo integral com juro isso não era oficializado por ninguém alguém disse olha a saia do seu emprego e a gente vai financeiramente ele bancar não ninguém nenhuma denominação e eu entendi de Deus que aquilo ali era algo necessário e fez naquele momento eu estava com 19 anos já e larguei o emprego e comecei a ficar todos os dias com soro de domingo a domingo todos os dias eu estava com surdos indo para o hospital e falando com médico e tentando fazer com quem eles entendesse a respeitar a pessoa com surdo porque não era bem visto nisso imagina você entra para se consultar você é uma paciente é surda aí entra uma outra suja que não é tua mãe que não é tua irmã que não é transparente às vezes não rapaz tudo que tinha que entrar falar para o médico ele estava com dor no saco escrotal ou porque ele não estava urinando direito porque ele tava com uma coceira aí eu tinha que ficar dentro do lado tempo todo médico examinando

e eu ali do lado era uma situação constrangedora absurdamente constrangedora eu ficava de tudo pantera cor mas ele estima confiança em mim tão grande que eu estava ali estava e eles acham natural parecia que era a mãe dele que estava linda a mãe não ia os pais não iam não usa acompanhava se eles estavam comigo a família entregava tá tudo bem por que ela entende ele ele se entende então foi um trabalho bem louco ouvir uma coisa sequência organizada planejada não era o dia a dia e acontecendo era um dia Um dia tão turbulento que não dava dia de de pensar nisso que foi fazendo a vivência na prática